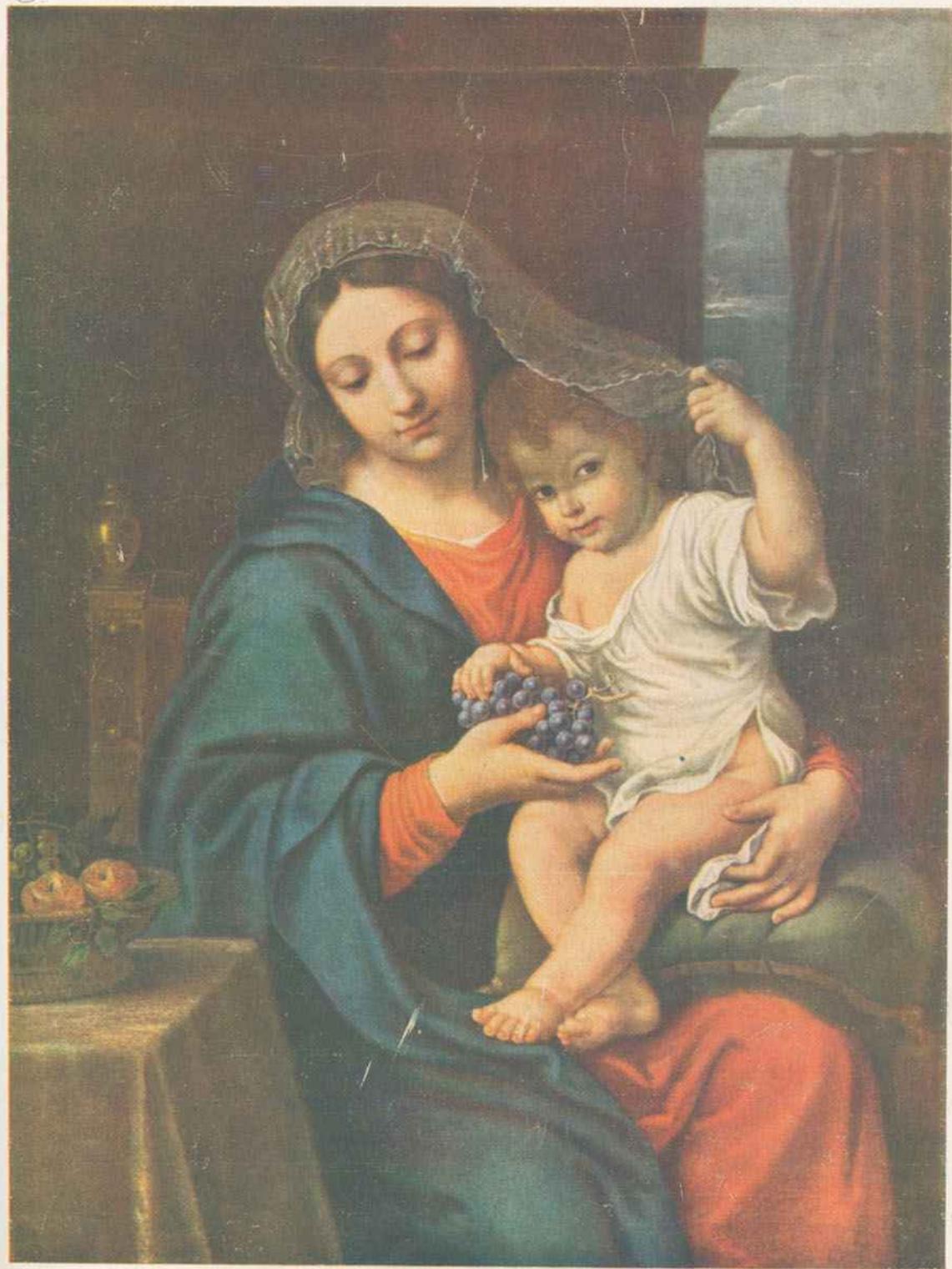
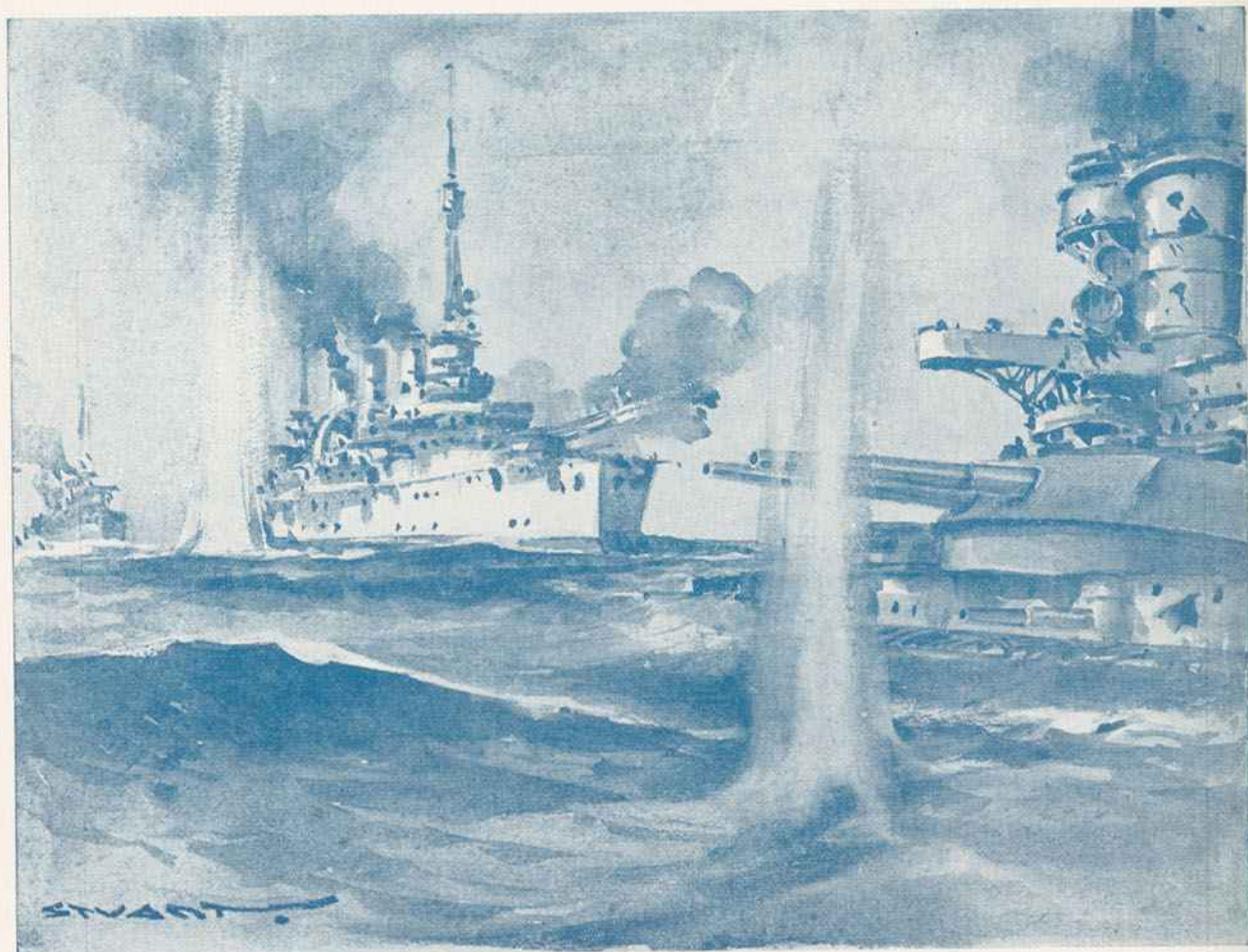


ILUSTRAÇÃO

17



«LA VIERGE À LA GRAPPE» POR P. MIGNARD (MUSEU DO LOUVRE)



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** —

**A obra máxima sobre
a guerra europeia** —

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

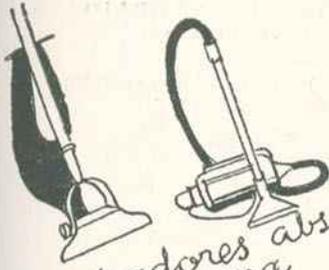
e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as línguas, suplantou em êxito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

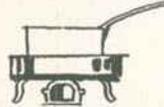
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CONHECEIS BEM OS SERVIÇOS QUE PODE PRESTAR-VOS A ELECTRICIDADE NAS SUAS APLICAÇÕES DOMESTICAS?

ESTES, ALGUNS APARELHOS QUE PROPORCIONARÃO CONFORTO E BEM ESTAR NA VOSSA CASA.



os aspiradores absorvem a poeira



com um fogareiro eléctrico cozinhareis em toda a parte



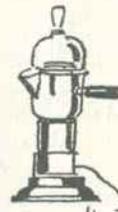
a enceradeira eléctrica faz brilhar os sobrados



um grelhado na grelha eléctrica é um mimo



Sem um aquecedor de pratos não ha comidas apuradas



chaleiras e cafeteiras dão a facilidade de preparar rapidamente um "five o'clock"



uma torradeira eléctrica dá ao pão um glórido irresistível



as cafeteiras prestam serviço a toda a hora, dia ou noite.



o duche de ar quente secca rapidamente os seus cabelos



o vibrador de massagens conservará a sua beleza

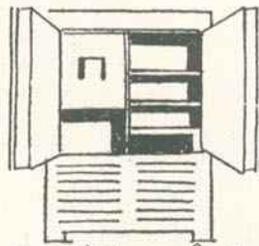


para conservar as ondas do seu penteado, o ferro de frisar



o ferro de engomar, engoma constantemente -

o esquentador eléctrico prepara durante o seu sono toda a agua quente que lhe é necessaria durante o dia, na casa de banho, no lavabos e na cozinha.

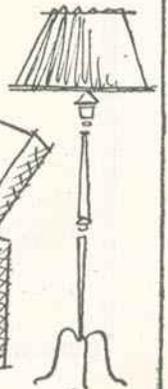
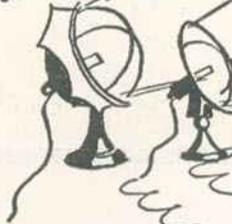


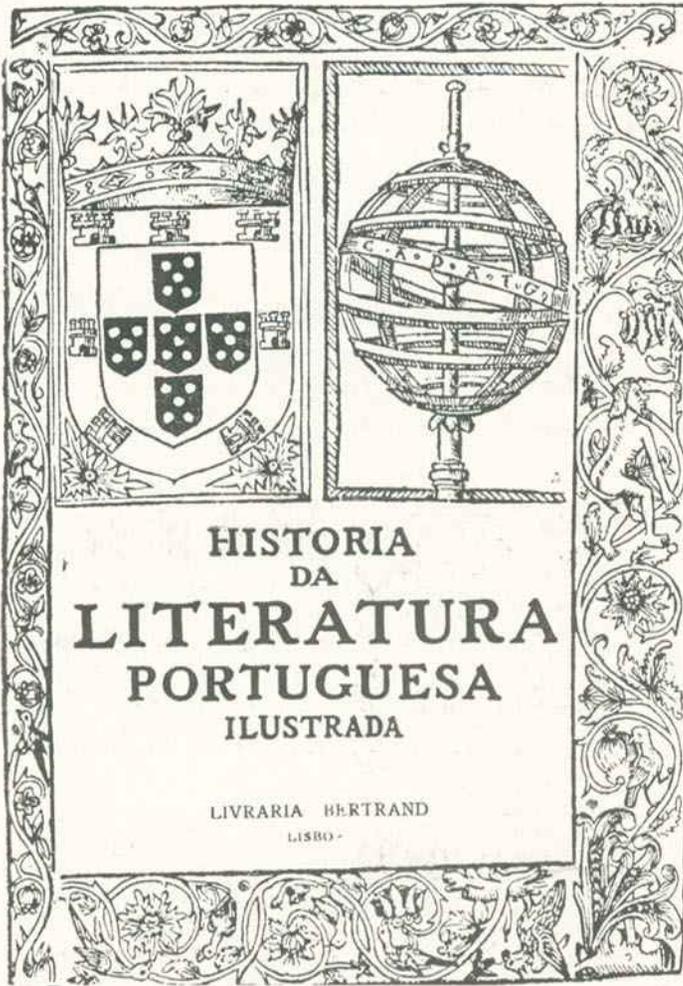
A geladeira eléctrica conserva frescos e são os legumes, as carnes e as bebidas.



V. Ex.ª respirará melhor no verão, graças a ventoinha eléctrica -

Os radiadores parabolóicos asseguram, com uma insignificante despesa, um aquecimento local instantaneo





**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 MESES 6 MESES 1 ANO

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO:

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORSELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CARLOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORLHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALBERTO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÉCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSE DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camocheiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DAVIAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSBAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORLHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGÉ, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

"YOU PA-LA,"

Aparelho para o desenvolvimento físico das crianças

- Desenvolve** e ensina a andar.
- Protege** contra todos os acidentes.
- Substitui** uma criada de crianças.
- Diverte** a criança proporcionando-lhe uma higiene completa.
- Recomendado** pelo Corpo Médico.

ADOTADO por todas as Pouponnières e Creches em França e pela **Maternidade da Misericórdia de Lisboa**, Pouponniere da **Maternidade A. Bensaúde**, Creche dos **Hospitais Cívicos de Lisboa** e **Assistência aos Filhos dos Cabos e Soldados da G. N. R.**

Dirigir pedidos à **RUA DE S. JULIÃO, 23, 1.º — LISBOA** — Telef. 2 2574





Novidade Senraccional

Com o PENTE ONDULADOR transformo os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida ! !

Uma maneira geral procede-se da seguinte forma : Lavam-se os cabelos e secam-se depois de desembaralhados com um pente apropriado (húmido, húmido), penteiam-se com o PENTE ONDULADOR, de forma que as onduladas sejam dirigidas para o exterior. Faz-se deslizar o pente de 10 a 15 vezes e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.



PEIGNE ONDULATEUR - VIENNA

Preço Esc. 15\$00

Exclusivo de venda :
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. CAMPOS
Av. da Liberdade,
85 — Lisboa

UM ARGUMENTO DE PESO



Mais de 150 anos
de justificada fama garantem ser a
Farinha de S. Bento

um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de todas as idades e, em especial fracas ou idosas.

Vende-se em todas os bons estabelecimentos e no **Deposito Geral:**
R. de S. Bento, 374 - Lisboa
Telefone Norte 3670

N.B. - ESTA BALANCA ESTÁ LEGALMENTE AFERIDA

Porque espera?...



Póde ter em sua casa um candieiro "TITUS", dentro de dois ou três dias, ao passo que a luz eléctrica póde levar três ou quatro anos a chegar á sua localidade... e mesmo depois o "TITUS", lhe prestará bons serviços uma vez ou outra... Um candieiro "TITUS", de incandescência a gasolina produz uma bela luz de 120 velas com o insignificante dispendio de 10 centavos por hora. Adquirá sem demora um candieiro

«TITUS»

Escreva-nos hoje mesmo pedindo mais esclarecimentos e catálogo grátis com cerca de 20 modelos. — Concessionários para Portugal e Colónias.

CARCAVELOS INDUSTRIAL, L.ºA
OLIVEIRA DE AZEMEIS

DOCES E COSINHADOS

Receitas
escolhidas

POR
ISALITA

Um volume encadernado com
351 páginas
Esc. 25\$00

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Como está
desenvolvido !



A razão é simples : os Alimentos *Allenburys* assemelham-se extraordinariamente ao leite materno. Quando este lhes faltar ou seja pouco recomendavel, não hesitem um só momento : dêem *Allenburys* aos seus bebés.

'Allenburys'

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES !
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON.
Agentes Exclusivos
Coll Taylor Ltda., Rua dos Douradores 29, 1.º, Lisboa



O sorriso jovial da creança.

Qual a mãe que não deseja com toda a sua alma ver os seus filhos alegres, exuberantes?

Uma creança está atrasada? debil? nervosa? Não ha neccesidade de procurar a causa em qualquer doença. Esta causa reside talvez simplesmente na alimentação.

Não quer dizer que a creança tenha alimentação insufficiente: pelo contrario as suas refeições podem ser tão abundantes como bem preparadas. Mas talvez não seja essa a alimentação que ella necessita.

O adulto só se alimenta para reparar a perda tanto em substancia como em força; a creança necessita alem d'isso de prever ao seu desenvolvimento.

Logo, o que lhe convém é uma alimentação não sómente abun-

dante, mas tambem e principalmente substancial e assimilavel em alto grau. Uma chavena d'Ovomaltine ao almoço responde a todas estas exigencias. A Ovomaltine contém no estado mais concentrado todos os elementos nutritivos do malte, do leite, dos ovos e do cacau, sob a forma inteira e facilmente assimilavel e melhor adaptada ao organismo infantil.

Todas as creanças que cresceram depressa, ou que qualquer coisa as fatiga, palidas ou pouco alegres, deveriam tomar, de manhã ao pequeno almoço uma chavena da saborosa e fortificante Ovomaltine. Mas tambem ás creanças com saude ella assegura melhor que qualquer outra coisa um desenvolvimento normal.



A OVOMALTINE

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias
Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41-2º

Lisboa



grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Crónica da Quinzena

O MOMENTO POLITICO INTERNACIONAL

T RÊS factos políticos, da mais alta importância, interessaram, nos últimos dias, a opinião internacional: as eleições inglesas, a viagem do sr. Laval aos Estados Unidos, e o incidente da Mandchúria, cujas consequências podem afectar o prestígio da Sociedade das Nações.

As eleições inglesas, que acabam de realizar-se, com admirável serenidade, em circunstâncias que permitiram ao povo da Grã-Bretanha dar mais uma vez ao mundo a lição do seu civismo e da sua fé patriótica, asseguraram ao governo nacional uma maioria de 555 deputados, entre conservadores, trabalhistas nacionais fiéis aos srs. Mac Donald e Snowden, e liberais nacionais de Sir John Simon. Os resultados obtidos traduzem-se numa palavra que, por si só, diz tudo: confiança. Com o apoio parlamentar que essa compacta maioria lhe oferece, o governo Mac Donald, logo que a casa de Westminster se abra—o que sucederá no dia 10 de Novembro, quer dizer, no prazo mínimo fixado pela Magna-Carta para o ciclo completo dos trabalhos eleitorais—começará a efectuar o programa contido na sua declaração de 7 de Outubro, programa de enunciação sumária e de execução difícil, que compreende o complexo de medidas conducentes à estabilização da libra, ao equilíbrio da balança comercial, ao estabelecimento de novos acordos respectivos ao regime de reparações e de dívidas inter-governamentais, e, dum modo geral, à restituição da Grã-Bretanha ao seu antigo esplendor comercial e industrial e à sua tradicional supremacia financeira no mundo. A consolidação do governo nacional britânico permite-nos supor que a abolição do padrão ouro será transitória, e que a experiência dos estadistas de além Mancha saberá aproveitar a baixa do valor da libra—à *quelque chose malheur est bon*—para estimular a vida económica da nação, oferecendo mais largas possibilidades à exportação inglesa, e contribuindo para a diminuição do número alarmante dos desempregados. Embora os trabalhistas ortodoxos do sr. Henderson e os poucos liberais que acompanham o sr. Lloyd George fizessem do livre-cambismo bandeira eleitoral, o governo, e, designadamente, o *leader* dos conservadores, sr. Baldwin—que, com tanta elegância política, tem sabido apagar-se—recusaram-se a inscrever no seu programa, duma maneira clara, o proteccionismo aduaneiro, limitando-se à afirmação de que as circuns-

tâncias económicas da Grã-Bretanha podem tornar, dum momento para o outro, indispensável a adopção de medidas de política pautal. Uma das consequências das últimas eleições é a possibilidade de uma nova arrumação das forças políticas inglesas. Ainda há pouco o sr. Churchill, depois de se referir à insuficiência do sr. Henderson, actual *leader* trabalhista, e ao valor do sr. Lloyd George, hoje chefe da patrulha em que se converteu o glorioso partido de Gladstone, notava, com a sua penetrante e habitual sagacidade: «estamos assistindo ao espectáculo de um grande partido sem *leader*, e de um grande *leader* sem partidos». A fusão dos trabalhistas e dos liberais ortodoxos é mais do que provável, e não surpreenderá ninguém ver amanhã à frente do partido socialista britânico—o sr. Lloyd George.

A viagem do sr. Laval à América do Norte, cujos objectivos gerais não se ignoram, mas cujos resultados são ainda, no momento em que escrevo, imperfeitamente conhecidos, terá naturalmente, como consequência, uma mais íntima cooperação entre os gabinetes de Washington e de Paris para o estudo dos problemas económicos e financeiros pendentes, entre os quais se inclui a permanência do padrão ouro na França e nos Estados Unidos, elemento considerado essencial para a restauração da vida económica normal do mundo; e, no que respeita especialmente ao problema das reparações e das dívidas inter-aliadas, a certeza de que o prazo da moratória Hoover, que expira em 1 de Julho de 1932, não será prorrogado, e a possibilidade de, antes do fim desse prazo, ser devidamente examinada a capacidade de pagamento não apenas da Alemanha, mas também das grandes nações devedoras aos Estados Unidos,—que são a França, a Grã-Bretanha e a Itália. A opinião optimista fala num «plano Hoover-Laval», de revisão dos débitos internacionais; os pessimistas, porém—e não são poucos—julgam que a viagem do chefe do governo francês à América determinará apenas o regresso automático, findo o ano da moratória, ao plano Owen Young, mantendo-se a situação de compressão e de esmagamento em que, há dez anos, tem vivido a Europa. Nas palavras que dirigiu, de bordo do *Ile de France*, ao povo americano, o sr. Laval, pensando sem dúvida no desarmamento e na próxima conferência de Genebra de 1932, afirmou, categoricamente, o seu pensamento de contribuir «para a organização e

para a consolidação da paz». E, entretanto, a permanência da asfixia económica determinada pelos actuais regimes de pagamentos inter-governamentais, conduz, inevitavelmente, à guerra.

O incidente sino-japonês continua a preoccupar os espíritos, porque está colocando em cheque a autoridade e a competência do super-organismo de Genebra, e porque pode, amanhã, ameaçar gravemente a paz do mundo. É natural que até 16 de Novembro, data em que novamente se reúne o conselho da Sociedade das Nações para examinar o problema da Mandchúria, ainda as tropas japonesas não tenham evacuado os territórios ocupados, condição julgada indispensável pelo sr. Briand para se iniciarem as negociações, nos termos do artigo 2.º do pacto de Kellogg, em virtude do qual «a solução de todos os conflitos deve ser procurada por processos pacíficos». A situação criada no Oriente já teve como consequência a unificação da China, pela paz entre Nanquim e Cantão; determinará amanhã—o que é, seguramente, um motivo de legítimas apreensões—uma aliança da China com a Rússia; contribuirá também—quem sabe?—para atraír os Estados Unidos para a Sociedade das Nações, criação essencialmente wilsoniana. É difícil prever o que sucederá até 16 de Novembro. A China, na sua qualidade de potência agredida, tem a simpatia de Genebra; mas o Japão, potência agressora, tem a razão que naturalmente lhe advém da lógica implacável da sua argumentação. O Japão—diz o delegado japonês, sr. Ioshizawa—precisando de mercados para as suas indústrias, e de área habitável para fixação da emigração nipônica, usa da sua influência no território manchú, em harmonia com o estipulado no tratado sino-japonês de 1915. A China—responde o delegado chinês, sr. Szé—não reconhece esse tratado, que lhe foi imposto pelo Japão sob a coacção militar. Nesse caso—otempera o delegado japonês—se a coacção militar determina a nulidade dos tratados, o tratado de Versaillles é nulo também; portanto, a Sociedade das Nações, que dele nasceu, não tem existência jurídica; e, não tendo existência jurídica, não pode intervir no pleito que se debate. Perante semelhante argumento, tão audacioso como justo, o verdadeiro sorriso amarelo não é o dos srs. Szé e Ioshizawa; é o do sr. Briand.

Júlio Dantas

Uma pergunta da actualidade

Qual será o primeiro presidente da República Espanhola

?



D. NICETO ALCALÁ ZAMORA



D. MANUEL AZAÑA



D. ALEJANDRO LERROUX

ESTE título resume uma das mais misteriosas incógnitas do problema espanhol. Na nação vizinha, onde uma transformação social de *fond en comble* parece succeder, com a lógica inevitável destes tempos positivos, à transformação política consumada, há, por estes mesmos factos, incógnitas tremendas a decifrar, a que tem de se atribuir um justo valor. Não é, decerto, o problema da presidência da República o mais grave de todos, sobretudo em face da complexidade da Lei agrária, das reformas do trabalho, da gigantesca obra de regeneração do exército já levada a cabo, das questões separatistas e religiosas. Mas se a escolha do presidente da República, sobretudo depois da limitação de poderes que, decerto, lhe vai consignar a constituição, não é problema de extrema gravidade, é, decerto, de pitoresco interesse, até pelos contactos que possa ter com a sentimentalidade popular.

Num país peninsular, em que, portanto, as massas têm, no fundo, uma tendência de véras notável para um fervor messiânico que chega a arvorar-se em nova forma de misticismo político, escolher «um homem» que seja a maior figura (pelo menos sob o aspecto decorativo-burocrático) da nascente democracia, é função que o povo desejaria para si e que, se for designada às Córtes Constituintes, terá a assistência apaixonada e entusiástica de todas as camadas sociais espanholas.

Até há poucas semanas, o problema parecia virtualmente resolvido. Andava um nome em todas as bocas: D. Niceto Alcalá Zamora, presidente do Governo Provisório, reunia todos os sufrágios. Mas D. Niceto, ao parecer com algumas das suas poderosas faculdades obliteradas pela própria excitação nervosa e psíquica do seu esforço político, tomou, na

República Espanhola, uma posição ultraromântica, de um impoliticismo tão extremado que a sua queda como governante foi fatal e irremediável. O seu gesto de coacção sobre a Câmara, várias vezes coroado pelo êxito, servida a sua atitude pelos inegáveis dotes de tribuno que possui, já não surtiu efeito quando a Câmara, de acentuada tendência radical e socialista, viu que tinha diante de si o problema religioso que, talvez com certo exagero, a todos pareceu um gigante iracundo que era preciso derrubar para lhe não caírem nas garras. E Alcalá Zamora, perdendo a questão, provocando um movimento para a esquerda de alguns que estavam na direita e outros que estavam na posição de fiéis da balança parlamentar, deve ter perdido, também, a Presidência da República. De resto, Alcalá Zamora, com o seu feitio combativo e os seus compromissos com as classes capitalistas e os dirigentes católicos, não se resignaria a um lugar decorativo como parece virá a ser o que as Córtes instituíam, no seu afã de cortar pela raiz todos os poderes pessoais, de agora ou do futuro. O homem que, derrotado nas câmaras, chama a seu lado

todas as forças tradicionalistas para encetar uma campanha de revisão constitucional quando a discussão do Estatuto Republicano ainda está em meio, não pode resignar-se a um posto de honrarias espectaculosas mas de inércia política. No entanto, há a contar ainda com uma reacção do sentimentalismo republicano e bem pode ser que o galardão seja entregue ao homem que preparou a República, que a fez virar e que por ela sofreu e se sacrificou antes e depois da implantação deste regime pelo povo espanhol.

Em frente à candidatura de Alcalá Zamora, que tanto terreno perdeu, ergue-se a de D. José Ortega y Gasset, o eminente pensador, o catedrático de fama mundial, intelectual puro cuja acção parlamentar tem sido uma série de triunfos.

É uma candidatura apresentada e defendida pelas camadas intelectuais. Até que ponto o eminente ensaísta poderia levar a sua acção na Presidência, de forma a aproveitar, no desempenho do seu alto cargo, os seus geniais dotes de raciocinador frio e helénico? Não se pode saber. É de recear, porém, que ao ilustre D. José Ortega y Gasset sobre as faculdades mentais para o cargo mas falte essa subtil intuição política que faz de certos presidentes imprevisíveis maneirados de homens e paixões e, portanto, insignes acalmadores e timoneiros do regime que os elegeu e devem defender.

Os últimos acontecimentos, pelos quais se modificou a orientação governamental espanhola, criando-se de facto uma situação nitidamente de esquerdas, chefiada, com pulso de ferro e critério fortíssimo, por Manuel Azaña, o reformador republicano do exército, vieram pôr em foco, como candidato à presidência, um dos mais notáveis homens



D. MIGUEL UNAMUNO



D. JULIÁN BESTEIRO



D. ANGEL OSÓRIO Y GALLARDO

públicos da Nova Espanha: D. Alejandro Lerroux. O chefe político que, outrora, à frente do partido radical, era a extrema esquerda da opinião republicana, é hoje a direita do regime. A sua esquerda estão as hostes aguerridas de Azaña, estão os irrequietos radicais-socialistas, estão os socialistas, cuja minoria se conhece pela «minoria de cimento» em vista da sua disciplina, e os extremistas que têm força na rua mas não no parlamento. Portanto, Lerroux tem, no seu partido, hoje chamado ainda radical, os grandes núcleos que, na monarquia, formavam os partidos liberais e representam força burguesa inofensiva, representam capitais, forças industriais e organizações provincianas cuja força caquiquil é ainda enorme. Lerroux, portanto, tem força, mas, não obstante, não quer governar sozinho. A-pesar do prestígio obtido em Genebra, onde o triunfo internacional da Espanha foi enorme, Lerroux quer ser uma figura apenas do ministério Azaña, talvez esperando que se *quicme* o esquerdismo dêste grande governante, para ver chegar a sua hora. No entanto, porque a hora de Lerroux podia ser uma hora de conservadorismo a conduzir, insensivelmente, à velha política por intermédio dos velhos políticos, ela teria, em frente, no combate, todos os que estão à sua esquerda no parlamento, especialmente os socialistas, cuja força é enorme, e nas ruas, além dos monárquicos integristas e dos separatistas-monárquico-católicos, os sindicalistas e anarco-sindicalistas de toda a Espanha. Qual a maneira de evitar esta probabilidade de governo de Lerroux? Deu o sinal do tom do combate Indalécio Prieto, ministro socialista, que há tempos declarou que nunca Lerroux seria governo enquanto os socialistas fossem socialistas e agora rompe em elogios à atitude do velho político na passada crise e declara-o digno dos mais altos cargos da República. É a candidatura em forma. É a maneira de honrar o grande batalhador e eliminá-lo da governação imediata sem que se percam, no bom combate, as suas quali-

dades incomparáveis de astúcia, de habilidade política, de sugestão pessoal, de energia e de oportunismo, tudo aureolado por um prestígio de muitos anos de barricada e de ressoantes triunfos internacionais. Não é, pois, arrojado dizer que a personalidade de Lerroux reúne probabilidades extraordinárias de ser eleito para o alto cargo de Presidente.

Evidentemente que, além destes três nomes, há outros presidenciáveis. D. Julián Besteiro, o catedrático socialista que preside às Córtes e que, já, por aclamação, actuou de poder moderador, resolvendo a crise ministerial originada pela demissão Alcalá Zamora-Maura, podia muito bem ser um presidente excepcional da nova República, como o poderia ser Ossório y Gallardo se não fôsse a sua actuação desgraçada nas córtes negando a todo o momento a lógica da sua filiação no «Agrupamento ao Serviço da República».

Os sentimentais e muita gente da rua espanhola, lembram para o alto cargo Manoel B. de Cossio, o apóstolo da República e da educação, alta figura intelectual, professor insigne, um verdadeiro *santo laico* como já um jornal lhe chamou e que reuniria, no mais alto grau, as virtudes do mais egrégio cidadão espanhol. Mas Cossio tem mais de

noventa anos e não é provável que a sua resistência física fôsse a necessária para o desempenho das suas funções, complicadas singularmente neste momento.

Figuras presidenciáveis, no dizer de muitos, são também D. Miguel de Unamuno e D. Ramon del Valle Inclan, as mais altas figuras literárias de Espanha, republicanos exaltados e prestígios mundiais. Outros ainda, talvez com um pouco de amarga ironia, pugnam pela conveniência de eleger... Francisco Maciá, o *ari* da Catalunha, o louco vidente que, com o seu desequilíbrio nervoso, tentou gravemente contra a existência da Espanha e quer, obstinadamente, criar mais uma fronteira artificial e um novo Estado independente quando germina a ideia salvadora dos Estados Unidos da Europa, avançada dos Estados Unidos do Mundo...

É este o panorama que o jornalista, do alto da sua imparcialidade, vê com precisão e rigor. Alexandre Lerroux é, sem dúvida, a figura cuja eleição traria mais proveitos nacionais à Espanha. Neste momento é o *homem*... Sê-lo-á de aqui a algumas horas? Poucos minutos durou o discurso de Alcalá Zamora que o relegou da Presidência da República por unanimidade a um posto de veedor da Câmara de Madrid... E como Alexandre Lerroux tem um defeito unico: falar de mais!?!

E será a eleição feita pelo Parlamento? Será por plebiscito popular? Porque a verdade é que o *Heraldo de Madrid* abriu um plebiscito nas suas colunas e o povo votou em... Manuel Azaña, o ministro de ferro que é, neste momento, o orientador da nova democracia para a esquerda e acaba de decretar as leis do trabalho, as mais avançadas do mundo burguês!...

E pode ser ainda que, no final de contas, seja eleito presidente o grande D. Ramon Menéndez y Pidal, vida clara e grande, presidente já da Academia Espanhola, que tantos serviços tem prestado às letras, à democracia e à dignidade humana...



D. JOSÉ ORTEGA Y GASSET



ESTATUETA DE ARGILA DE T'HIEN-TSIN
(FIM DO SÉCULO XIX)

VIVI desde muito novo num ambiente, raro entre nós, em que me foi dado gozar e interpretar pacientemente, num longo silêncio chinês, os mimos de arte revelados em tôdas essas maravilhas do Celeste Império, que, durante largos anos, em casa dos meus avós, foram o regalo da minha vista e a delícia da minha sensibilidade.

Desde esse tempo, tem-me sido constante uma paixão secreta, quasi um vício, por tudo quanto se prende com esse maravilhoso IMPÉRIO FLORIDO DO MEIO, e hoje, ao escrever, com dificuldade, estas coisas gerais sobre a Arte Chinesa, chego a pensar que isto talvez seja uma traição ao silêncio que me tinha imposto, de tal maneira me tenho deixado absorver pelo sentido da Arte Chinesa, arte difficilmente explicável, arte profundamente filosófica, literária e moral, como diz o dr. Fou-Nou-En; inadapável a nós outros, os antípodas da Arte ocidental moderna.

A China, sem rabicho, através dos seus sábios, dos seus artistas, dos seus políticos e dos seus generais, constitui hoje o assunto palpitante, *up to date*, de tôdas as curiosidades europeias, e não digo já apreensões, para não cair nesse lugar comum do perigo amarelo ou ver-

ARTE CHINESA

OS BRONZES DA VELHA CHINA

melho, ou de qualquer outra côr, pois que longe vai o tempo desses exclusivismos antipáticos de continentes, raças ou nações expressas, pitorescamente, em fundos lisos, nas sete côres do arco-íris.

Para compreender a China e fazer uma pequena ideia desse império imenso que vive ainda na imaginação de tanta gente como se fôsse um entrelaçamento diabólico, de composições sobrenaturais,—visões tecidas no sonho de um fumador de ópio — entendo que nos devemos desembaraçar de ideias feitas, opiniões dolosamente fabricadas, velhos clichés que fixam sempre em exagêro, sob um ponto de vista quasi sempre pessoal e errado, tudo quanto se relaciona com as actividades desse longínquo país que, para glória nossa, em matéria de Arte, foi conhecido na Europa pela mão dos portugueses, que já nos séculos XV, XVI e XVII tinham lojas e barracas na feira de St. Germain :

*Menez moi chez les Portugais,
Nous y verrons, à peu de frais,
Des Marchandises de la Chine.
Nous y verrons de l'ambre gris,
De beaux ouvrages de vernis
Et de la porcelaine fine
De cette contrée divine
Ou plutôt de ce paradis.*

(Scarron — Paris burlesque).

* * *

O que nos encanta e atrai em tôdas as obras de arte que nos vemos da China é a sua perfeita homogeneidade.

Assim, a despeito da incomensurável extensão do seu território, em que se recortam raças e sub-raças, num formidável aglomerado de 500 milhões de habitantes, liga-os uma indestrutível homogeneidade, derivada, sobretudo, da sua língua ideológica, idiográfica e de origem hieroglífica, dando-lhes uma educação e cultura uniformes, caracterizando-se pela influência moral profunda e prática de Confúcio, que não foi nem profeta nem deus, mas um simples inventor de uma filosofia moral.

Assim, em tudo se revela a homogeneidade indestrutível e triunfante dessa raça através das idades. Assim nas letras, na poesia, na filosofia, na moral, nas artes (que os chineses muito curiosamente dividem em artes visuais, auditivas e do tacto) se afirma essa unidade que, tanto transparece num *potiche* neolítico do terceiro milenário antes da era cristã, como numa urna de bronze da época de Tchôn, como nesse estranho Budha da época de Trang ou nas deliciosas figuras de T'ien-tsin, no fim do século dezanove.

* * *

Na impossibilidade de sistematizar numa História da Arte o que os chineses têm feito pacientemente há tantos séculos, num maravilhoso estendal de uma Civilização muito mais antiga do que a nossa, não temos outro remédio senão



BUDHA, ÉPOCA TRANG



ESTATUETA DE ARGILA DE THIEN-TSUN
(FINAL DO SÉCULO XIX)

de C ou de S, ambas conjugadas, formando entrelaçamentos sempre novos. É sobre este campo, assim ornamentado, que sobressaem em relevo ou em simples modelações nos flancos das urnas ou no bôjo dos vasos, figuras de animais fantásticos.

Entre os especialistas deste ramo da Arte Chinesa, têm-se travado grandes batalhas para estabelecer a prioridade do bronze liso sobre o bronze ornamentado e decorado.

Assim, neste último caso, tomando em linha de conta a ornamentação classificada como estilo animal nos vasos e urnas chinesas, podemos estudar hoje, com segurança, a marcha e o desenvolvimento deste estilo, que veio nitidamente das montanhas do Cáucaso e das costas do Mar Negro até às fronteiras da China.

O génio chinês, idealista e especulativo, amoldou às exigências do seu espírito e das suas tradições, a turbulenta e complicada invasão desta *menagerie* fantástica nos seus motivos de decoração.

Com o andar dos tempos, de toda uma fauna que se combate e se entredévora, a China conservou dois motivos essenciais — o do pássaro com o bico recurvo como o da águia e o do quadrúpede com a cauda enrolada ao alto.

Assim, o quadrúpede e o pássaro não

são mais do que o Dragão e a Fénix que então aparecem como ritmos decorativos essenciais dos bronzes chineses.

A dualidade do Bem e do Mal é substituída na China pela dualidade do Céu e da Terra, do húmido e do seco, do móvel e do fixo, engenhosamente expresso neste grupo característico do Dragão e da Fénix.

Em todo o caso, nem todas as decorações com animais são gravadas nos bojos dos vasos ou modelados nos flancos das urnas.

Há certos bronzes que representam um animal em que o corpo constitui o vaso e a cabeça serve de tampa.

A figura humana, como elemento decorativo e ornamental, raro aparece nos bronzes da velha China. Os poucos documentos existentes (um bronze e um vaso da colecção do Barão de Sumitomo e um outro do mesmo tipo que se encontra no Museu Cernuschi, de Paris) levam-nos a concluir que o animal, mais do que o homem, tomou um papel preponderante na decoração dos bronzes e que a figura humana, existindo ali por mero incidente, segundo a concepção dos chineses, não deve aparecer nunca num culto puramente intelectual.

Menezes Ferreira.



TSOUCUN-QUADRADO, ÉPOCA TCHËON (1.200 A. C.)

correremos lesto atrás dos *Connaisseurs*, que apenas têm logrado acomodar em estilos todas as manifestações de arte chinesa, com alguns milhares de anos antes de Cristo, sobretudo no que se refere aos bronzes, às pedras trabalhadas, às argilas, faianças, porcelanas e pinturas.

Por hoje, tentam-me os bronzes da velha China, e, falar deles num artigo ligeiro de *Magazine*, é qualquer coisa de audacioso que só m'o desculpa esta minha paixão antiga pelo Extremo Oriente.

Sobre a idade dos bronzes, a que está naturalmente ligada a arte da fundição, segundo os documentos conhecidos até hoje, encontra-se o problema resolvido.

Assim, pelo exame dos vasos e urnas da época *Tchêou* (1.200 anos A. C.), cujas decorações se nos apresentam sem nenhum carácter primitivo, podemos concluir que bastante existia para além dessas épocas, devendo-se quasi todo o trabalho de investigação à actividade infatigável dos coleccionadores japoneses, que nos deram esse documento, classificado de monumental, que é o catálogo da colecção *Sumitomo*.

Na ornamentação dos bronzes antigos vê-se, em geral, um fundo de meandros chineses constituídos por espirais feitas de uma ou duas figuras em forma



A exposição histórica do Vinho do Porto

A exposição histórica do vinho do Porto, na mui nobre capital do Norte. Depois, a leitura da novela de Clara Vieling, *Colina de ouro*, em que, através dum episódio romanesco, assistimos às graves crises periódicas da região do Mosela. E surpreendo-me a evocar a grande crise durienese da filoxera e a vitoriosa intervenção da videira americana no seu combate.

O Alto Douro, o país do *Port-Wine*, foi o rincão mais abastado da Lusitânia — e dos mais abastados do mundo.

Vivia cercado de regalias proteccionistas. Tinha a seu favor mil privilégios e isenções. E isto era legítimo. Só por milagroso esforço, só por acção de recursos privilegiados se fizera correr o ouro líquido dos vinhos licorosos pelos agrestes domínios do schisto e da urze. Por isso, sem o privilégio compensador do exclusivo das suas marcas, sem o rígido protecção das zonas demarcadas e do porto privativo, não poderia ter sido levada a termo a obra épica que transformou em terra produtiva inertes escarpas de schisto, que espremeu o bôjo rígido das montanhas e as fez manar o néctar a que Byron dedicou estrofes dignas de Apolo.

Tudo aquilo era, no princípio, escaldado como areal deserto. A imponência da perspectiva tinha por contracenário a monotonia angustiosa e permanente dos pendores agrestes, alheios ao perfil amorável dos tufos de ramos sorrindo dentre a face carrancuda dos rochedos. Tudo aquilo era desolado e penhascoso — tudo aquilo era hirto e vertical. Uma pedra, lançada dos cabeços cimieiros, de quatrocentos, seiscentos, oitocentos metros de altitude, rolava quasi perpendicularmente até ao Douro, ou até aos seus afluentes — pois a região vinhateira do Alto Douro abraça as vertentes schistasas daquêle rio caudaloso e as vertentes próximas dos rios tributários.

Tudo aquilo era seco que nem palha malhada — dos seus seios não brota fio de água em quilómetros e quilómetros de extensão. E o sol, o grande sol criador, desde o Maio florido ao cheiroso Outubro, é inclemente no recesso dessas encostas laminadas como em certas brenhas dos sertões tropicais.

Nada disso impediu que o homem, o pigmento, realizasse a sua formidável obra de gigante — o Estado a proteger-lhe o braço e a premiar-lhe o suor, mercê de muitos e atentos cuidados paternos.

A ferro e fogo, na luta mais ousada, rasgou pedreiras, pulverizou calhaus, converteu pedra em terra, construiu o abrigo dos socacos, fez do aprumo selvagem dos declives solenes bancadas de anfiteatro, que dos cimios aureolados de luz desceu aos verdes abismos fundeiros.

Escadaria fantástica de milhões de degraus, afigura-se-nos sumptuoso cenário de apoteose aos deuses doutro.

Na realidade, a videira triunfou do schisto — impôs-se aos altivos cabeços, tomou as bojudas vertentes, estremeceu de glória e poderio nas bancadas sobrepostas do seu trono.

Rasteira, pequenina, sempre deu pouco fruto — mas cada fruto valia por gema preciosa.

O Vinho do Porto e a videira americana

E aqui está o motivo por que produzindo tão escassamente em quantidade, a qualidade da produção tornava nababos os seus nobres donatários. É esta a razão por que os próprios deuses imortais, — havia quem os sentisse percorrer os vinhedos nas noites claras de luar — ressuscitavam uma vez cada ano para lhe sorver os bagos de mel, para levar ao silêncio das quebradas o rumor festivo dos velhos folguedos da Tessália.

A região durienese tornou-se rica e venerada. Fez obras custosas no rio Douro, veiculo natural dos vinhos finos a caminho da barra



CEPA ANTIGA DA QUINTA DA COLHEIRA (DA CASA FERREIRINHA) EM CIMA: PANOVARA DA VILA DA RÉGUA, CENTRO DA OPTUNTA REGIÃO VINICOLA DO DOURO

privativa, a barra do Porto, transportados nos típicos barcos *rabelos*, de vela quadrangular ao centro e rabo comprido no lugar do leme, únicos e inconfundíveis nas Cinco Partidas. Construiu solares e armazens de belos, sólidos materiais, aqueles mobilados a pau santo e damascos, adornados de Gobelins e Arrhas, êstes recheados de cubas lustrosas de mogno, castanho e carvalho.

O vinho do Porto, o *Port-Wine*, conquistou

o título de melhor vinho licoroso do mundo e a posição do néctar preferido pelos reis e milionários da velha Europa.

O último quartel do século XVIII, os dois primeiros quartéis do século XIX, sob a acção da energia fomentadora do Marquês de Pombal, foram testemunhas e comparsas do esplendor superlativo da sua grandeza em Portugal e no estrangeiro.

E sob essa aura de grandeza estonteante, o viticultor do Douro, em geral tronco ou vergõntea das mais ilustres famílias de pergaminhos históricos, tomou hábitos de luxo e prodigalidade que lhe acentuaram fisionomia inconfundível no concerto das gentes fidalgas da Lusitânia.

Mas, ali pelo terceiro quartel do século XIX, os vinhedos entram a secar. Afinadas ao máximo, as castas patricias da região enfermam uma a uma. É a filoxera que chega, surda e invisível, para perdidamente abater e humilhar a heróicidade e a aristocracia do país vinhateiro. Enferma hoje esta vinha. Amanhã morre aquela. E dentro em pouco, em três anos, em seis anos, toda essa obra gigantesca de décadas e gerações, todo esse país admirável de soberbia e força, tomba na mais desoladora ruína.

Sector exclusivamente vinhateiro, falta-lhe a vinha, tudo lhe falta — o pão, a luz, a alegria. A miséria bate à porta dos abastados solares, que não souberam amealhar nos tempos de abundância, e intima-lhes mandados de despejo. A usura abre as asas sinistras de ave de rapina, e devora os restos do lauto festim. De maneira que, em meia dúzia de anos, aquelas faustosas quebradas, outrora tão fecundas e tão festivas, mergulham na lúgubre tristeza dos cemitérios.

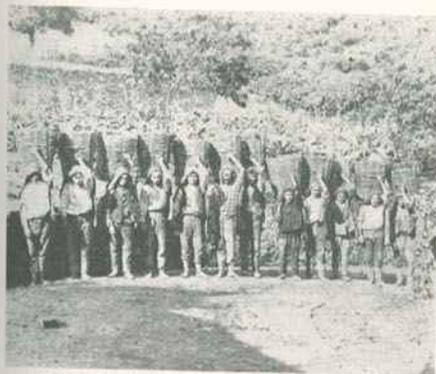
Passam anos — outros seis, talvez oito anos. Alguém acorda a região para a esperança, plantando nos socacos meia dúzia de pés de videira americana — a *riparia-ruprestis*, a *ruprestis-ruprestis* — videira sãdica, tímida de sangue virgem, à qual os entendidos conferem os títulos de milagrosa e de redentora.

Plantam-se os primeiros pés, que resistem triunfantes à sanha feroz da invasora. Plantam-se outros ainda: — a resistência adquire foros de prodígio. Os mais desalentados afoitam-se a erguer nas mãos convulsas o ferro e a picareta. Os mais descrentes abrem os olhos abismados ao prodígio da vinha ressuscitada.

E de norte a sul, da Réle à Barca de Alva — fronteiras naturais do nobre país vinhateiro do Alto-Douro — os corações levantam-se, as almas desanxiam-se, certos do milagre da Videira Americana — o Cristo que faz erguer o Lázaro do túmulo, que de novo faz palpitar de fecundidade as encostas mortas, os «mortórios», onde à videira succedera a urze, à fecundidade a desolação, a angústia à alegria.

— Aleluia! Aleluia! — brada-se do Alto ao Baixo Douro, na vecemência apologetica dos velhos milagres da Palestina. — Salvem-nos, a videira americana salvem-nos!

Não é bem a videira americana o mote



A CONDUÇÃO DOS CESTOS DE UVAS, NAS VINDIMAS, PARA OS LAGARES DA QUINTA DO LODEIRO

designativo da entidade taumatúrgica, mote na região glosado por grandes e pequenos. Simplificam-lhe o nome ao mínimo e trocam-lhe o género em masculino. Chamam-lhe simplesmente «o americano».

De facto, o posto americano realizara o milagre de vencer o terrível flagelo da filoxera, substituindo na vinha atacada pelo microscópico e poderoso hemíptero o Porto regional — gasto por séculos de produção exaustiva, por gerações de casamentos consanguíneos, pois desde remotas eras se constituiria no país vinhateiro a casta heráldica dos vinhedos licorosos, que não admitia alianças morgânicas e que tinha por expoente o *donzelinho do castelo*, o *D. Branca*, o *malvazia*, o *touriga*, o *gouveio* e pouco mais.

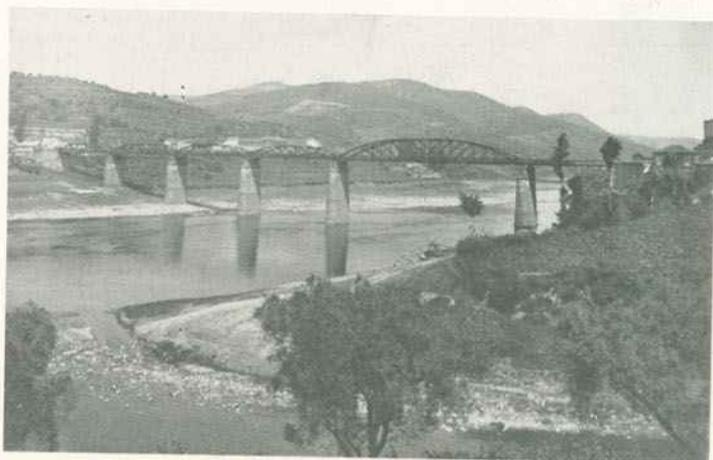
Então começa a obra colossal da reconquista, maior do que a da conquista — porque esta fôra feita aos pontcos, no lento decorrer das gerações; porque esta transformara montanhas virgens e sâdrias em ventres de maternal fecundidade ao longo de épocas de calma e abundância. Ao passo que a reconquista faz-se simultaneamente em dezenas e dezenas de quintas mortas, no perímetro de centenas e centenas de quilómetros de pendores e colinas minados pela doença, sempre no temor da recidiva do inexorável offídio que subitamente estancara a vasta mina de ouro líquido.

Mas não são já, em geral, os primitivos donatários das nobres quintas brasonadas os comandantes da nova batalha — esses fugiram, esses desertaram, como outrora os de Herculanium sob a lava do Vesúvio, espectros de perdida opulência acoissados pela miséria e pela vergonha. Os comandantes da nova batalha são os antigos administradores ou feitores dos fidalgos foragidos — à custa de economias e privações tornados senhores das

herdades devastadas; são os ingleses estabelecidos no Porto e que no Porto têm os armazens do seu comércio de vinhos com a Inglaterra; são os filhos da região vinícola enriquecidos no Brasil e que do Brasil acodem a auxiliar a ressurreição do Lázaro.

Toma de facto e de direito a rude impetuosidade das batalhas a faina hercúlea da reconquista. Para a levar a cabo, o lavrador duriente encontra o melhor dos soldados no operário galego, o mais activo, o mais frugal e o mais paciente dos trabalhadores. O galego desce da Galiza ao Douro, em batalhões, em *ranchadas*, espalha-se pelas quintas de não sei quantos porcelhos, e entrega-se com denodo à luta épica a ferro e fogo — o lavrador da região no comando das suas hostes.

Demais, não é só necessidade destruir os germens da filoxera, incubados no solo doente, o que multiplica o ardor da labuta no fito da colheita futura. É também a índole do pósto americano — que se não sustenta como o nacional, do ar das montanhas e das labaredas do sol. A videira portuguesa acomodava-se, vivia e frutificava no terrinho menos hospitaleiro e nos cinco centímetros da guela aberta no chão a um golpe de alavanca. A videira americana, vigorosa, sim, capaz de resistir a tôdas as investidas dos milhões de hemípteros que lhe assaltam as raízes, exige



A PONTE DA RÉGUA PARA LAMEGO

no entanto boa cama e alimento a preçoito.

Assim, por essas ribas durienses fora, os *vassalos* enquadados entre o *rei*, o mais possante e sabedor da *ranchada*, e a *raibha*, o mais frágil e animoso, tudo foi revolvido, arrasado, arroteado: — os muros dos socalcos mortos destruídos a alavancas de aço, as entranhas da terra pedregosa rasgadas a tiros de dinamite. As silvas e tojos estabelecidos no leito das videiras derrotadas, e nas fendas dos seus socalcos, foram estirpadas e queimadas em purificantes antos de fê. Ergueram-se os muros doutros socalcos, desde as emeneadas dos cabeços aos fundos precipícios, pedra por pedra, e tão bem aparelhadas como se fôsem degraus de altar-mor. Na corôa dos socalcos abriu-se o leito à estrangeira redentora, a pedra esfarelada para lhe não magoar o corpo, o áspero burel do laminoso schisto convertido no macio linho da terra dócil.

E em vinte, em trinta anos — embora se não repovoasse a totalidade das quintas devoradas pelo flagelo rubro — pôde ressurgir para a vida promissora da frutificação e da colheita o vasto e oloroso jardim alpestre que levava séculos a povoar.

A videira americana, a *rupes-tris-rupestris*, a *riparia-rupestris*, realizara o grande milagre, dando

à reconquista da vinha invadida pelo filisten, o cavalo de batalha — isto é, o palmo de tronco, na giria vinhateira designado por «cavalo», em que se enxerta o *garfo*, neste caso o cavaleiro de sangue e alma portuguesa que sôbre o dorso do invencível corcel estrangeiro ganhou a renhida contenda.

O posto americano não podia, evidentemente, proclamar-se senhor absoluto nos domínios reconquistados, aqueles em que cresceram e se acreditaram as castas patricias, mãis dos tipos de vinho consagrados em todo o mundo pelos seus dons de primazia. Fêe dispanha dos firmes atributos da força. Faltavam-lhe, porém, as virtudes tradicionais da família outrora reinante no país, adquiridas através da química morosa das combinações e das seleções. Foi por isto, em benefício da espécie e da honra do convento, que o forte, o vitorioso David, vencido o filisten, assinou aliança com as castas regionais, pondo a indômita energia do seu corpo viril ao serviço da realeza decadaída: — o *donzelinho*, o *D. Branca*, o *malvazia*, de novo no trono dos avós e na hegemonia dos mercados.

Consolidada a reconquista, os reis e os plutocratas viram com regosijo renascer a fonte dos deuses. E as quebradas do Alto Douro, durante lustros na fúnebre desolação das necrópôles, reanimaram-se para a confiança, renasceram para o trabalho, sob o arfar fecundo das *surribas* na estação do plantio, sob o estrugir dionisiaco das vindimas e das lagaradas na sação das colheitas.

O que a reconquista não trouxe ao Douro, à região do *Port-Wine*, foi a vida esplendorosa dos usos e costumes na vigência dos antigos senhores. Os raros que regressaram à lica educados nesse ambiente de fausto, perderam os hábitos de família à acção dissolvente da ruína e do terror. Os novos proprietários, na maioria recrutados entre gente de gostos moderados e simples, não tentaram sequer imitar as pequenas côrtes abatidas pela filoxera.

A reconquista não reimplantou igualmente o regime de cuidados protectores perdidos durante a invasão, na época do Marquês de Pombal tão rigorosamente sancionados, que subia à força quem vendesse

«mixórdia» por vinho do Porto, que tinha mão cortada o que lotasse vinhos de tipo superior com vinhos de segunda classe. Descurou-se a protecção no país e no estrangeiro.

De maneira que, mal as quintas se repovoaram — obra que custou rios de dinheiro, rios de suor, rios de sangue — logo outro flagelo lhes cafi em cima, criado e amamentado pela insuficiência de garantias a favor da legitimidade do precioso e caro produto.

Vencida a filoxera, surgiu o «mixordeiro», híbrido de alquimista e saltador, Cagliostro com alma de Cartouche, que no silêncio e no mistério das adegas dá ao latão a aparência de ouro, fabrica maligno xarope vendendo-o por vinho generoso, assalta a adega ao heróico viticultor e lhe desacredita a qualidade dos licores.

E o «mixordeiro» não se estabelece só no país, mercadejando «mixórdias» por vinho. Estabelece-se em tôda a parte, na Europa e na Ásia, na América e na África. Há fabricas de Porto verdadeiro em Hamburgo e Hong-Kong. A França tem dado caça aos daninhos alquimistas. Mas os lucros da criminosa alquimia multiplicam todos os dias a avidez, o desassombro e os tentáculos da velha praga do Vinho do Porto.

A videira americana venceu a filoxera, — erguendo o Douro, da miséria e do luto, a um relativo e festivo bem-estar. Porque não procura o Douro sindicar-se, levar êle próprio os seus licores aos mercados internos e externos, vencendo por sua vez o «mixordeiro» e reintegrando-se no seu antigo prestígio?

Sousa Costa.



A VINDIMA NA QUINTA DO LODEIRO, NA RÉGUA

A MORAL DA CRISE

Dos aspectos exteriores da *Crise* mundial, generalizada como uma pandemia, o mais clamoroso é o financeiro; o que mais inquieta é o económico. Cada um destes aspectos se pode considerar uma verdadeira crise, e muito convém considerá-los assim, para comodidade de estudo, sacrificando à essa comodidade os rigores lógicos da análise, segundo o método científico.

Em que consiste e que importância tem o problema financeiro?

O dinheiro não é, apenas, o nervo da guerra; é o nervo da indústria, o nervo do comércio, o nervo de todas as formas de actividade social, sem exclusão das que se consideram, nos seus resultados, como desmerecidas. Ora sucede que, na hora presente, se faz sentir em toda a parte a falta de dinheiro, mesmo naqueles países que sempre o tiveram e abundância, descontando um ou outro momento de crise passageira, depressa solucionada. A América sofreu uma dessas crises, em 1907, e precisou, para a debelar, recorrer à Europa, que lhe emprestou qualquer coisa como cem milhões de dollars.

Muitos Bancos suspenderam pagamentos; muitas Sociedades faliram; muitas indústrias caíram em síncope, e o Comércio, duma forma geral, teve uma depressão muito parecida com uma paralisia. Não faltou, no cortejo de males que essa crise produziu, a lepra do desemprego, chegando a haver, em Nova York, duzentos mil desempregados, isto é, duzentas mil pessoas a quem era preciso dar comida, a muitas comida e alojamento.

Se recordamos esta crise americana, que também foi, como a presente crise mundial, capitulada de crise de super-produção ou crise de abundância, foi só para termos ocasião de dizer que os muito ricos também às vezes sofrem da falta de dinheiro, valendo-lhes os menos abonados, como se mais ricos do que eles fossem.

No mundo, actualmente, haverá menos dinheiro do que havia em 1914, ao começar a guerra?

Se chamamos dinheiro à moeda metálica, teremos de afirmar que ele é hoje em maior quantidade do que era então, porque a que havia não se consumiu, como se fosse género alimentar ou artigo de vestuário, e dos respectivos jazigos sempre se foi extraindo ouro, prata ou cobre, que valem como moeda, embora conservados em lingotes ou barras. Do outro, dinheiro-papel, dinheiro que intrinsecamente nada vale, só valendo por expressa convenção, dêsse dinheiro há hoje muito mais do que havia em 1914, porque da sua fabricação, um pouco por toda a parte, se fez um uso imoderado, acudindo a males de ocasião com um remédio cómodo, embora perigoso quando manejado por curandeiros audaciosos.

Como se explica, sendo assim, que haja uma crise de falta de dinheiro, crise financeira, somando-se à crise económica, que muitos consideram mais como efeito que como causa?

Quando já andava no ar um forte cheiro a pólvora e o *ferret opus* dos quartéis e dos arsenais afirmava que a guerra, além de certa, estava próxima, muita gente, pode dizer-se, muito boa gente não acreditava que ela viesse a atear-se — por motivos de ordem

financeira. O sistema de alianças políticas, na Europa, organizado contra a guerra, se ela viesse a dar-se, teria como fatal consequência generalisar-se o debate, isto é, lançar na relé as nações que poderiam, noutras condições, conservar-se neutras. Previam-se que os efectivos de campanha seriam alguns milhões de homens, o que elevaria as despesas da guerra a números astronómicos, ainda que fosse curta a sua duração.

O que sucedeu, iludindo o optimismo dos financeiros?

Succedeu que a explosão se produziu; os exércitos marcharam uns contra os outros, em legiões incontáveis, sem que a falta de dinheiro impedisse os beligerantes de se conservarem nos campos de batalha, como se nada lhes faltasse para combaterem.

Houve dinheiro com tanta fartura, durante a guerra, que todos gastaram à larga, e ainda sobejou para se criar a burlesca categoria dos novos ricos, muitos dos quais já regressaram à primeira forma, irremediavelmente pelintros. Teve-se a impressão, depois do armistício, de ter sido a guerra um grande negócio, um negócio em que todos, mais ou menos, tinham ganho e ninguém tinha perdido.

Multiplicaram-se os Bancos e casas bancárias, como os pães do Evangelho, armadilha a incantos que ali iam depositar as suas economias, seduzidos pelas promessas de formidáveis juros, adquirindo papéis desses estabelecimentos de crédito, porque lhes prometiam dividendos de arregalar os olhos. Era tudo mentira, mas as aparências eram sedutoras e o público, ingénuo como as crianças, não procurava a realidade, com medo de esbarrar na mentira e no ludíbrio. Fêz-se a inflação do crédito, mais grave que a inflação do meio circulante, representando por bocadinhos de papel de vários tamanhos e designações. Os Bancos fizeram-se comanditários de todos os negócios que financiavam, e para mais avantajarem os seus ganhos fomentavam a criação de Sociedades ou Empresas que se metiam nas mais loucas aventuras de Comércio ou Indústria. Os comerciantes milicianos pulularam como tortulhos, e porque o negócio rendia muito e em pouco tempo, desataram a viver como nabalhos, improvisados milionários que se desferravam agora de muitos anos duma vida obscura e simples, gastando sem contar, nem de leve pensando nos caprichos da sorte e nas contingências da vida.

E se mudasse o cenário, desaparecendo a fantasmagoria?

Foi escasseando o dinheiro, foi-se debilitando o crédito, foi-se perdendo a confiança nos grandes homens da Finança, já a verem-se as habilidades criminosas com que tinham embaído o público. Levantamento de depósitos; o papel a descer, como se fosse pesado; o receio a converter-se em pânico, a triste realidade a substituir-se à risonha fantasia.

Apareceram, então, os Bancos e Sociedades a fazerem negócio com o seu papel, e daí tirando lucros que não sabiam tirar da sua exploração e comércio lícito.

Produziu-se o desastre, a crise financeira, a ela não escapando a Inglaterra, a Nação rica por excelência, tão rica, tão poderosa, de

tão sólidos créditos, que para lá iam, em depósito pouco rendoso, as economias de todo o mundo.

Há que não deixar à solta a Indústria bancária, concedendo-lhe uma liberdade de que facilmente abusa, gananciosa sem escrúpulos.

As economias fogem dos Bancos, porque eles não lhes inspiram confiança, preferindo a improdutividade do pé de meia às contingências duma falência completa ou parcial.

Ora essa confiança, muito fácil de perder, é muito difícil de readquirir.

A vida nacional, na velha Europa, é a desordem; e o mesmo sucede no Novo Mundo. A vida internacional é a ameaça duma nova guerra, tão generalizada como a de 1914, mais feroz do que ela, briga de canibais regressados à selvageria primitiva.

Mais dinheiro? Mais papel? Mais crédito? Seria mais lenha para a fogueira, mantendo-se todos os factores de ordem política, moral e psicológica que tornaram a crise mundial inevitável e não meramente possível.

* * *

E quanto ao problema económico, isto é, quanto ao aspecto económico da *Crise*?

Se a produção estivesse organizada segundo dados estatísticos rigorosamente apurados, ver-se-ia que a pretendida crise de abundância é uma crise de penúria, tanto na Indústria como na Agricultura. Pudessem todos adquirir o necessário, que a muitos falta, e ainda um pouco o supérfluo, que é uma necessidade da civilização, e reconhecer-se-ia que não chega o que se produz, que o *superavit* de produção é uma *blague* de pessoas bem amedanzadas na vida.

Sempre que o dinheiro escasseia, ou porque realmente o não há, ou porque ele cautelosamente se esconde, o comércio, a indústria e a agricultura sofrem uma depressão, que se traduz na chamada crise do *desemprego*, a qual, actualmente, está tomando, nalguns países, assustadoras proporções.

Não haveria crise de desemprego na Agricultura, se fossem cultivadas, em todos os Países, as terras baldias, susceptíveis de cultura. Haveria trabalho para todos os rurais, e a produção aumentaria, porque seria maior a zona cultivada. Em 1909 houve uma grave crise de desemprego na Inglaterra. Apurou-se que à roda de Londres, sem falar doutras cidades, havia 5.000 hectares de terrenos incultos, podendo ali empregar-se 75.000 a cem mil trabalhadores.

Crise de desemprego na Indústria própria mente dita?

Sim; mas diminuindo as horas de trabalho, o número de desempregados diminua, sem que forçosamente diminuísse a produção.

Há que pensar, a sério, numa reforma agrícola, e há que organizar a produção industrial, tornando-a mais democrática, sem a fazer menos produtiva.

Será assim, por estes processos, reformando com são critério, no sentido duma distribuição de riqueza mais justa e mais equitativa, será assim que se prevenirão crises como a de agora, e diz a sabedoria das Nações que vale menos remediar que prevenir.

Brito Camacho.



CRISTO REDENTOR

O viajero que demande hoje o porto do Rio de Janeiro, que suba o Guanabara, dará imediatamente com seus olhos na enorme Cruz erguida sobre o Corcovado, um dos cerros de mais estravagante configuração e de maior altura que servem de moldura à capital da República Brasileira. Símbolo cristão, entre todos o mais excelso, o mais significativo, essa Cruz, porém, se o peregrino se aproxima, torna-se mais nítida, define melhor os seus pormenores e, então, quem a vê apercebe-se de que é formada pela imagem do próprio Cristo, com os braços abertos horizontalmente, como quem espalha divinas sementes pelo mundo, como quem abençoa, como quem chama a si e quer estreitar num piedoso amplexo a humanidade inteira: o Brasil, que os seus primitivos descobridores baptisaram com o nome de Vera Cruz, mais tarde crismado em Santa Cruz, quis de novo colocar seus destinos sob a invocação cristã e, assim, erigiu essa gigantesca estátua do Divino Salvador, que ficará a competir com os maiores monumentos do género que a nossa época soube edificar.

A história desta majestosa imagem é digna de contar-se: sonhou-a, há bastantes anos, um missionário lazarista, o Padre Boss, que, ao transpor pela vez primeira a barra do Rio, maravilhado ante o cenário que se lhe deparava, exclamou, apontando o Corcovado: «Que belo pedestal para uma estátua a Nosso Senhor!». Essa ideia não mais o abandonou: escrevendo ou falando, enquanto vivo foi, difundiu-a sempre, infundiu-lhe entusiasmo, converteu-a numa campanha pacífica mas pertinaz. Correu o tempo e, ao esboçar-se o programa das comemorações do centenário da independência política do Brasil, a ideia do bom lazarista ganhou alento e, tomada a peito por um grupo de católicos, passou ao domínio da acção, venceu dificuldades tremendas, angariou os fundos bastantes, resolveu todos os problemas, ainda os mais complexos, de ordem técnica, no que respeitava à construção do monumento, e hoje é uma realidade: erecto imponentemente sobre a montanha, padrão da fé religiosa do povo

brasileiro, prodígio de arte, de ciência e de energia dos seus construtores, ele é motivo de êxtase para todo o viajero que, em demanda do Rio, suba as águas do Guanabara.

Dos óculos de todos os fiéis, ainda os mais pobres, do engenho portentoso do arquitecto dr. Heitor da Silva Costa e do concurso decisivo do eminente escultor francês Paulo Landowski, que assistiu àquele na transformação do primitivo projecto, de modo a acomodá-lo às mui especiais condições do solo onde seria erguido o monumento, nasceu este, que não pôde ser inaugurado na comemoração do centenário da independência brasileira mas o foi agora, a 12 de Outubro findo, com toda a solenidade, ao celebrar-se mais um aniversário do descobrimento da América. Marconi, o genial inventor italiano, accebu a associar-se a esse acto simbólico: de bordo do «Electra», fundeado no porto de Génova, pátria de Colombo, ele repetiu a sua célebre experiência de Sidney, iluminando, por meio das ondas hertzianas, o grandioso monumento do Corcovado.

Podemos servir à natural curiosidade dos nossos leitores alguns dados relativos às dimensões invulgares da estátua em referência, que representa um tipo architectónico perfeitamente original, de rara beleza e que admiravelmente se ajusta ao carácter do local. 36 metros é quanto mede de altura a estátua, incluindo a base. Só aquela propriamente, atinge 30 metros e tem um peso de 1.145.000 quilos. Está construída a 704 metros acima do nível do mar e o pedestal sobre que assenta tem 100 metros quadrados, com o peso aproximado de 550.000 quilos, o que eleva o peso total do monumento a cerca de 1.650 toneladas. O seu arrebouço é de cimento armado, sendo revestido de um mosaico de pedra cinzenta. No pedestal a que aludimos será instalado um santuário, que poderá comportar umas 150 pessoas.

Quanto mede a cabeça da estátua, cuja expressão é duma grande, impressionante doçura? 3^m,75! As mãos têm 3^m,20 de comprimento, cada uma delas. Da extremidade de uma à outra, vão 30 metros. Cada mão pesa, aproximadamente, 8 toneladas. Cinco anos consumiu a erecção desta formidável estátua, cujo custo anda em volta de 2,500 contos da moeda brasileira.



A MONTANHA DO CORCOVADO VISTA DA ENSEADA DE BOTAFOGO. — A GIGANTE FIGURA DE CRISTO DE QUE ELA É PEDESTAL E QUE TEM A SEUS PÉS A GRANDE «URBS», CAPITAL DO BRASIL.

SINFONIA DE OUTONO

AS CAÇADAS

DA DUQUEZA

DE UZÉS



A CAMINHADA DA CAÇA AO HOMPER DA MANHÃ.

Caem as
fóllhas, mortas,
amarelecidas, numa de-
lente queixa melancólica que
vara campos e várzeas, montados e
bosques sem fim. Uma a uma vão caíndo,
como lágrimas tristes, num pizzicato que pre-
ludia os últimos compassos desta sinfonia do
Outono, aristocrática e cheia de poético spleen.
Os bosques vão ficando nus, arrancadas as
vestes pela garra implacável da ventancira,
as ninfas já não podem esconder-se senão nos
montões de fóllhas mortas, cor de desespero,
cor de sangue, doloridas e inertes. Então, à
beira dos charcos, tremendo em arpejos longos
da sua pelagem fulva, como as fóllhas mortas,
vêm os veados heráldicos, altivos, a cabeça
inteligente a faroar o perigo, vaguando pela
sua floresta sêca que já lle não dá abrigo.

Os chavelhos gigantes, erguidos num desa-
fio, duma beleza e duma arrogância sem par,
são também como que árvores desnudadas
em que passa um vento de desolação. Oscilam,
fremem, são como que imprecações tor-
turadas erguidas ao céu, em desespero.

É então, é agora, nestes dias de outono
inerte que preludiam o inverno trágico, que
começam as grandes caçadas aristocráticas,
as montarias a cavalo que são, à semelhança
das batidas às raposas das nossas charnecas,
um desporto cruel, deshumano, mas de uma
singular beleza e de uma inigualável distin-
ção. E quando se fala nestas caçadas, que
são paradas garridas da grande nobreza, em
Inglaterra, em França, sobretudo, não pode
ninguém deixar de recordar o nome da grande
senhora que, em França, conserva melhor as
grandes tradições destas proezas aristocráti-
cas, destas liças de destreza e elegância
«vieux roches», tão distintas dos desportos
exibicionistas dos novos-ricos de todos os
países cosmopolitas. Refiro-me à senhora con-
desa de Uzés.

A senhora condessa de Uzés é da mais
alta e pura nobreza da França e um dos sus-

tentáculos
das suas mais no-
bres e requintadas tra-
dições. É das mais altas figuras
da grande sociedade francesa, esse
mundo herméticamente fechado ao profano,
último refúgio do bom gosto e das tradições,
que pode abrir-se, muitas vezes, para um
artista ou um poeta, mas nunca para um ban-
queiro opulento ou para um rei americano de
qualquer droga, uma sociedade, um meio,
que pode admirar a mais revolucionária obra
de perfeita beleza, mas que não transige com
o falso luxo, com a falsa arte, com a falsa
elegância que, a pouco e pouco, ao sopro dos
ventos de Além-Atlântico, vão pervertendo
o bom gosto e a fina sensibilidade francesa,
que o mesmo é dizer—o escol da sensibili-
dade europeia.

Mas, entre toda essa velha nobreza fran-
cesa, a duquesa de Uzés distingue-se prin-
cipalmente pela sua inteligência e pela bono-
mia, pela afabilidade nobilíssima e pela sim-
plicidade notável com que mantém a tradição
dos gentilhomens camponeses da nobreza
francesa, tão cheia de encanto e de *panache*.

A duquesa de Uzés vive,
assim, quasi sempre no campo, nas
suas muitas e vastas propriedades que ela
própria administra e cuja cultura dirige
em pessoa com um saber que a honra e
com uma compreensão humana dos direitos
dos seus ganhões e dos seus caseiros que
faz dela uma figura de singular beleza
moral e uma avôzinha respeitada e idola-
trada por todos. Porque a ilustre senhora tem
mais de noventa anos, embora faça, sem-
pre, sem um desfalecimento, uma vida activa
de campo, trabalhando, mexendo-se, an-
dando longas caminhadas, montando a cavalo
maravilhosamente e, quando chega o tempo
propício de fins de outono, dirigindo, em
pessoa, com a sua velha experiência, as suas
caçadas ao veado, as mais belas, as mais
aristocráticas, as mais notáveis de toda a
França.

Começaram agora as caçadas da duquesa
de Uzés. Os seus palacetes, os seus pavilhões
de caça, onde pairam ainda velhas sombras e
vagueia a recordação de Henrique IV, o *Vert-
Galant* que ali foi amo e senhor, tudo abar-
rota de convidados, como sempre escolhidos
entre os nomes mais puros da grande nobreza
da França e Inglaterra.

Nem todos são caçadores, os nobres visi-
tantes da nobilíssima dama. Apenas umas



A BÊNÇÃO DA MATILHA



FELICITANDO OS PICADORES

dezenas cavalgam, pela madrugada, os seus *pur-sang* para acompanhar a avózinha nobilíssima que, com os seus noventa e pico, é quem mais ousadamente lança o seu cavalo na correria louca e acidentada, bosque em fora, na peugada dos gamtos. Mas se nem todos cavalgam garbosamente, nos dias de caçada é certo que todos despertam, afanosamente, aos primeiros alvares do dia. No pátio senhorial, à frente do palácio elegantíssimo, ressoam as trompas de caça, com o seu som baço e quente a varar a neblina melancólica de um grito mais melancólico ainda.

Está a matilha já a postos. As narinas íngremas, os corpos nervosos húmidos de geada e da transpiração, os arcações arquejantes, inquietos, tensos, palpantes de vida e de anseio de luta, estão os mastins. Fortes correntes os prendem, correntes que, em molhos, os picadores, hieráticos, solenes, nas suas sobreasacas de librê, de trompa a tiracolo, a custo agüentam nas mãos duras e fortes. As trompas vão mugindo, pertinazes, a alvorada magnífica daquêl dia de carnagem. Vão chegando os espectadores, os convidados que receiam o cabrear nevrótico dos cavalos de raça entusiasmados pela luta de velocidade que presentem. Chegam depois os palafreiros com os cavalos cobertos por um bafo espesso e cinzento, piafando nas lajes do pátio em grande estropiada. Chegou também a velha duquesa com seu tricórnio negro, sua casaca vermelha, a bota alta de polimento, à *Frederica*, o chicotinho na mão encarquilhada. As trompas são, mais estridentes agora, um grande còro de mugidos roucos. Montam todos, as montadas formam em semi-círculo, os picadores avançam sugereitando as matilhas. Descobrem-se todos, caçadores e espectadores do singular espectáculo. Aproxima-se, com seus acólitos, paramentados, o capelão da senhorial casa de Uzés. É a primeira caçada dêste fim de outono. Tem que ser lançada a bênção à matilha, como se os mastins fôsem novos cruzados de fé que partissem, não a caçar um gamto veloz e esbelto, de afilada cornamenta a esgalhar-se no arvoredo morto, mas Luzbel em pessoa, negro e chifrudo, a bater pé pelas noites, buscando a hora redentora que o leve à segurança quente do seu rico inferno.

Acabou-se a bênção. Retiram-se os padres, cobre-se o gentio, em redor, são as trompas

uma vez mais e a canzoada agita-se agora, epiléptica, uivando, ganindo, ladrando como possessa. E estão benzidos já!

É o momento solene. A velha duquesa ergue o seu braço enérgico e a matilha abala. Logo a seguir a balam os ginetes, a nobilíssima dama cavalcando na frente com os seus batedores em guarda de escolta, seguida pelos entusiastas do famoso desporto. Está perto a floresta; está perto, portanto, o drama sangrento, de uma estranha barbárie, que vem de tão longe no tempo e nas almas arraigada. Aquela luzida tropa, em que a peçonha vem um falcoiro arrogante, trajado de veludos e camurças vermelhas, num resto ainda de espectacularidade oriental, aquela matilha de mastins ferozes, aqueles servos de grandes facas de mato à cinta, formam todos uma tropa aguerrida, delirante, anseando o sangue dum lindo e pacífico gamto, obra de arte da natureza, que vagueia pelo bosque, heráldico e elegante, farejando a brisa, a cabecita inquieta, os olhos meigos espantados, sentindo, o triste e pobre, que a morte bárbara e implacável vai chegar para gáudio dos grandes senhores da coutada.

É que a matilha já lhe deu com o rasto. Já os monteiros não agüentam os mastins. Abrem-lhes as coleiras de ferro e êles aí vão, numa correria louca, quási de rastros com a terra, seguidos logo da flamante cavalgada de grandes senhores e picadores de librê que partem em louca correria ao soar rouco das trompas de caça. A duquesa de Uzés não se limita a presidir à montaria. O seu cavalo galopa, também, como um relâmpago. Entram no bosque. O tropear dos cascos dos animais é agora surdo, abafado pelos montões de fôlhas amarelas, podres, exalando morte e tristeza.

A caçada começa a ser perigosa. Os cavalos, levados da vertigem, saltam sebes e valados, galopam doidos pela espessura das ramagens secas, agressivas como contos de lanças ferrugentas, adagas e choupas afiadas. Ao longe, a matilha cerca o veado que foge, rápido como um corisco, estilhaçando os galhos da cornamenta pelos troncos e pelos barrancos. A matilha de mastins e a matilha de loucos e ferozes caçadores, vai-lhe ganhando terreno. Vadeia um rio, muge, angustiado, da outra margem, para logo jogar airoso dos quartos traseiros e forçar as suas patas delgadas e esbeltas a nova correria de pesadêlo. E sempre a senhora duquesa velha e os seus convidados na pista do bicho inerte.

Até que enfim, quando os aristocratas já iam sentindo cansaço, o gamto ativo delibrou morrer. Mas querê morrer bem; devagar, lutando. Meteu-se por uma vereda sem saída e, encutralado, volta-se, escumando, bramindo. Baixa os chavelhos magníficos, airoso, terríveis, finca as patas esbeltas na alfombra còr de fogo que vai ser còr do seu sangue, e espera. A matilha acobarda-se um instante mas a tropeada dos cavalos que se aproxima, um toque de tuba, o vozear dos fidalgos, dá-lhe ânimo novo. Ataca. Alguns mastins saem volteados, a tripa sangrenta ao léu, mas são muitos; pulam, saltam, acometem. O veado alto sangra; vão-se-lhe abaixo os jarretes. Muge uma vez derradeira, a cornamenta erguida aos ceus, os olhos meigos vagos, em redor, a bôca-sangrenta e aberta. Os fidalgos, a cavalo, com a senhora duquesa velha, empapam-se de emoção. Dalí a uma hora estão de volta ao castelo os picadores e os monteiros com o veado pendente duma longa vara, atado pelas patas nervosas, os olhos vidrados, os chavelhos decorativos a arrastar no chão. Os convidados esperam, novamente em semi-círculo. A matilha uiva e ladra. As trompas tocam, agora alegres e festivas. É o *halali*. Está esfolado o gamto, largam-se os mastins e há, no meio do pátio, uma confusão sangrenta e glutona. Os vencedores devoram o vencido. É medieval e é repugnante. A senhora duquesa de Uzés, com os seus noventa e pico, salta do cavalo, vai democraticamente, bom fidalgo rural, felicitar os seus monteiros agaloados. Tocam outra vez as trompas heráldicas.

No vestibulo do castelo haverá, dali a dias, mais um trofeu empalhado, de olhos meigos em vidro, os chifres emnegrecidos a chamar o mosquedo do açougue senhorial...

João de Sousa Fonseca



OS HERÓIS DA VESTA BRUA



D. João da Câmara, o doce e terno criador de *Os Velhos*, *A triste viuvinha*, e *A Rosa Engeitada*. Girão, o pintor animalista cuja paleta se especializou em galos altaneiros e pombos mariolas. Estes são os personagens. Paleo, uma batotinha da Rua do Arco do Bandeira. Época, há uns bons trinta anos. D. João da Câmara e Girão, que não se conheciam, jogavam e perdiam. Como a desgraça irmana as almas, o pintor pediu ao dramaturgo uns tostões emprestados para continuar jogando. Depois apresentaram-se e saíram. Eu sou o Girão, pintor! E eu o João da Câmara para o servir!

Vieram pelas ruas do Arco, Arsenal, Atêrro fora, pois ambos moravam para a Junqueira, ensimesmados em silêncio absoluto. Depois, chegados, o Girão despediu-se estendendo a dextra:—E até havia pulgas!

Dentro do silêncio que ambos guardavam aquelas almas dialogavam. Cada um dizia a si mesmo um rosário de queixas sem fim contra o jôgo, contra a atracção do pano verde, contra o azar, contra a fraqueza humana que se deixa vencer por tentações enganosas, contra a sor-didez dos banqueiros, contra tudo. A frase final era o remate da conversa em que nenhum deles trocara uma palavra. Também se conversa assim.

UM solilóquio não é um monólogo como muita gente pensa, é um diálogo. Diz o povo que falar só é falar com o Diabo. É, às vezes. É falar com o Diabo que a gente tem dentro de nós. Porque nós não temos uma alma só. Temos muitas. Umhas boas, outras más. Umhas atiladas, outras incautas. Todos nós, mesmo os melhores, temos o prazer de torturar. É a alma de um sádico que cabriola e se espolinha. Temos o prazer de possuir: É o quinhão da alma de D. Juan que nos cobre em sorte. Não somos uma alma só, não. Somos uma assembleia. Dentro de nós há uivos, pinchos, gargalhadas. Dentro de nós há *bidons* de ódio, tonéis de ambição, frascos de bondade. A morte fechando a cova, dissolve tudo aquilo,

Solilóquios e Comentários

tôda aquela lama, tôda aquela dôr, tôda aquela putrefacção. É por isso que a Natureza está cheia de dôr, de uivos, de miséria.

TODOS se queixam do tempo, do nosso tempo, da incerteza do dia de amanhã, da intranquilidade do dia de hoje, olhando o Futuro torvo que se aproxima.

Não sabem História. E se soubessem como ler a História consola e anima! Querem viver sossegados? Pois façam de conta, ponham na sua ideia, que são aristocratas e que vivem em Paris no ano de graça de 1793. E que Fouquier-Tinville se pode lembrar de vocês!

A legislação portuguesa é da mais copiosa de todos os países. Há de tudo e para tudo. Tudo está previsto. Um



— MENINA, TRAGA-ME TODO O EXPEDIENTE QUE SE FEZ PARA COMPRAR UMA LAPIZEIRA.
— SIM, SENHOR! AQUI ESTÁ.

exemplo? Um exemplo. Em 1882, quasi há 50 anos, a Câmara Municipal de Lisboa fez o plano de organização de Jardins de Infância, um em cada bairro, para crianças de 3 a 6 anos de idade, e com capacidade para 120 a 200 alunos. Cada jardim teria uma directora, duas professoras permanentes, duas em exercício de aprendizagem por espaço de 3 meses, um professor de música, um de gymnástica, uma conservadora de tôdas as alfaias e objectos destinados aos exercícos das crianças, uma vigilante das jardineiras, quatro jardineiras, duas serventes e um porteiro.

Foi papel cheio de sonho. Nem meio jardim se aproveitou do projecto, que era bom e que é necessário. Morreu, talvez por tanta fúria legislativa. É um projecto que há 49 anos anda a *jardinar*.

Ainda não deixámos de ser os empatas. Papel, fórmulas, «volte cá daqui a 3 dias», e nada anda, nada caminha, nada progride.

A FORISMO *culinário*:

Para fazer coelho *au vinaigrette* é preciso pelo menos encontrar um gato que não se importe de fazer de coelho apenas umas horas.

AS virtudes necessárias a um bom português:

— Desprezar as horas, a previdência e a persistência.

— Dar o cavaco por histórias frescas que metam frades.

— Tratar de se pôr o mais próximo que pode da mulher do próximo.

— Esperar que Deus que é bom pai lhe há-de endireitar a vida.

— Malsinar os outros sempre que pode, na esperança de fazer o contrário do que espera que Deus lhe faça a êle.

— As outras que falta enumerar são tão boas como esta e andam devagar para não se acabarem depressa.

PREGUNTAVA-ME uma gentil mulher moderna, dêsses produtos tanagrescos e artificiais da nossa época, cabelos pintados, sobranceiras substituídas por traços de *crayon* côr de bailarina javanesa, lábios tintos a *baton*, unhas pintadas a vermelho, corpo assexuado por tranquibéncias de beleza e da moda, que figura lhe daria um escultor que quisesse interpretar a Cocafna!?

A sua, minha boa amiga.

— ?...

Porque cocafna é feminino. Porque é um veneno. Porque é um vício. Porque é uma ilusão. Como sonho é fugaz. Como prazer paga-se caro. Como beleza é tôda *maquillage*. Cada vez, verá, haverá menos quem a tome.

Albino Forjaz de Sampaio.



O LUNDUM AVO DO FADO

O movimento dos descobrimentos trouxe novas danças para a Europa. Os povos primitivos são essencialmente bailarões. Depois do Canário, oriundo das Canárias, veio da Guiné o *Guinéo*, como vieram da África mais danças. Com o descobrimento da América, outras danças surgiriam. A América do Sul, com os seus *mitotes*, os seus *taquis*, os seus *areylos* e *poracés*, era um alfofre de dansantes. Foi de lá que veio o Lundum, primitivamente africano.

Teófilo Braga pretendem ter encontrado uma referência a *london* em Sá de Miranda, mas tratava-se de um erro tipográfico da edição de 1804. A primeira vez que se me deparou a palavra foi no terrível Gregório de Matos, poeta brasileiro do século XVII. Na quadra em que aparece não se pode jurar pelo significado. Trata-se, no entanto, de um remexer de quadris no *rebolado*. E no mesmo escandaloso autor acha-se, como designação de baile, outra palavra parecida: *Calundú*.

*Que de quilombos que tenho,
Com mestres superlativos,
Nos quais se ensina de noite
Os calundús e feitiços!*

O *Calundú* era o baile nocturno e supersticioso dos negros. Encontramo-lo no *Peregrino da América de Nuno Marques Pereira*, que alude a «esta gentildade que vem de Angola e Costa da Mina» e indica os instrumentos usados para o estrondoso bater: «atabaques, pandeiros, canzãs, botijas e castanhetas, com tão horrendos alaridos, que se me representou a confusão do inferno».

Na origem, o Lundum é uma dança africana da Baía, que depois se converteria em dança mestiça, e ainda em dança brasileira e portuguesa. Adscrevendo o vocábulo às línguas conguesa e bunda, Bluteau define-o como «uma dança chula do Brasil, em que as dansarinas agitam indecentemente os quadris.» Seguindo, portanto, o *Vocabulário português e latino*, que é de 1712-21, temos o Lundum oriundo da África ocidental, dansado só por mulheres (?), e transplantado para o Brasil, de onde veio para a metrópole.

Quer no *Divertimento erudito*, de Fr. João Pacheco, que se refere às principais danças do tempo, quer no *Anatómico Jocosu*, ótima

fonte de informação galhofeira, não aparece o Lundum, mas há como som e como dança um nome muito semelhante, e que bem podia significar a mesma coisa: *Gandum* ou *Gondú*.

No *Exame das Dansas*, desta última obra, a seguinte passagem, relativa a Alfama, frisa o que era a permuta de canções entre Portugal e a sua colónia do Brasil:

*Do Brasil em vovaria
Os sons vem ali descalços,
Criam-se ali, ali crescem,
E dali se vão passando
Pouco a pouco para as chulas,
Pião, pião, para os mulatos.*

A maruja portuguesa, aos «altieiros» ou navegantes do mar alto, cabe grande parte na importação e divulgação dessas cantigas exóticas.

Co incidindo com o Lundum, houve a voga da Fôfa, que era também uma dança de negros, a propósito da qual um estrangeiro escrevia que nunca vira coisa tão indecente. Pois a Fôfa teria vindo igualmente do Brasil, pelo menos a chamada Fôfa da Baía, da qual reza um raríssimo folheto, *Relação da Fôfa que veio agora da Baía e o Fandango de Sevilha, aplaudido pelo melhor som que há para divertir malancolias, e o Cuco do Amor, vindo do Brasil por jogar, para quem o quiser comer*: «Todo o som que mais suspende com a harmonia das suas vozes é o mais excelente que há para fazer saltar. A Fôfa da Baía é o som que mais suspende com a harmonia das suas vozes, logo é o mais excelente que há para fazer saltar. Ora viva: que nem o Oitavado de Alfama lhe chega ao calcunhar, nem o som do Macau lhe dá pelo bico do pé, e nem a Filhota de Coimbra lhe excede.»

Certos «sons do Brasil», e o mesmo então se dizia, divulgaram-se por cá. Na «pequena peça», de José Daniel, *A Marujada*, diz-se:

*Eu aprindi na Baía
A tinger com um mulato,*

*Mas as cordas eram todas
Feitas de latão dos tachos.*

Mais:

*Se quer pegar no estromento,
Faremos nossa chibança,
Quatro modas do Brasil
Cantaremos de companhia.*

Em meados de setecentos, desembarca em Portugal a figura mulata e pitoresca do criador de tantas modinhas brasileiras, Domingos Caldas Barbosa, o grande vulgarizador do Lundum nos salões.

*Ai rum, rum,
Vence fandangos e gigas
A chulice do Lundum!*

Não é esta a ocasião de esboçar a biografia de Caldas Barbosa, filho de português e africana, nascido no Rio de Janeiro. O tom desdenhoso com que se costuma falar do poeta que Marcelino de Mesquita caricaturou nos *Peraltas e Sécias*, talvez não seja

inteiramente justo. Literariamente ele não é um grande vulto, mas como inspirador de um certo sentimentalismo luso-brasileiro, que marcou fundamentalmente nas duas raças, é digna de mais atenção a sua obra, ou, dizendo talvez melhor, a sua influência na sociedade do tempo. Nenhum dos bons poetas do século XVIII, nem mesmo Bocage, seu inimigo, teve tão decisiva preponderância. Como autor e cantor de modinhas, Caldas Barbosa destacou-se definitivamente. Ainda hoje se divisam, na canção portuguesa, vestígios da sua maneira:

*Pois assim o quer
meu fado,
Pois amor assim
o quer,
Não espero ser
contente,*

Serei triste até morrer.

Sendo a modinha brasileira, Caldas Barbosa é o Lundum,

O meigo Lundum gostoso.



«PADESTA DANSSANDO O LUNDUM»

Na *Viola de Lereño*, que esteve para chamar-se *Viola de amor*, há, com a designação de Lundum, seis composições, mas outras, indicadas pelo estribilho, como *Meu bem está mal com eu*, pertencem ao mesmo género.

Caldas Barbosa, «o triste Lereño», alude às «dansas di lá», e no *Lundum em louçor de uma Brasileira adoptiva* deixou-nos algumas indicações dos meneios típicos do Lundum:

*Uns olhos assim voltados,
Cabeça inclinada assim,
Os passinhos assim dados,
Que vêm entender com mim.
Ai affecto,
Lundum entendem com eu,
A gente está bem quieto.
Um lavar em seço a roupa,
Um saltinho cai não cai,
O coração brasileiro
A seus pés caindo vai.
Ai esperanças,
E nas chulices di lá,
Mas é de cá nas mudanças.*

De outro Lundum de Caldas Barbosa:

*Nhãnkã cheia de chulices,
Que tantos quindins affecta,
Queima tanto a quem a adora,
Como queima a malagueta.
Tenha compaixão,
Tenha dó de mim,
Porqu'en lhô mereço,
Sou seu Xarapim.*

Vê-se, assim, que o Lundum, primitivamente dança de pretos, começou a ser cantado nas salas, que se deixaram seduzir pelo exotismo adocicado de certas palavras e entoações brasileiras. Tolentino tem, na *Função*, esta quintilha:

*Já de entre as verdes
[murtieras,
Em suavíssimos accen-
[tos,
Com segundas e pri-
[meiras,
Sobem nas asas dos
[ventos
As moidinhas brasi-
[leiras.*

Podemos avaliar da extensão de tal voga pela comédia *A Impostura castigada* de José Agostinho de Macedo, que, não sendo dos mais influenciáveis e detestando a dança, também compôs a sua moidinha sobre os *Quindins das Brasileiras*:

*Se os cajús são frutas doces,
São doces as bananieras,
São mais doces à minha alma
Os Quindins das Brasileiras.
Têm encantos, têm meiguices,
São amáveis feiticeiras,*

*É diloso quem só goza
Os Quindins das Brasileiras.*

Escrevia o Dr. António Ribeiro dos Santos, citado por Teófilo Braga: «Hoje... só se



O LUNDUM
(Cromo-litografia de 1892)

ouvem cantigas amorosas de suspiros, de requebros, de namoros refinados, de garridices. Esta praga é hoje geral, depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus rimances, e de versejar para as mulheres. Eu não



O LUNDUM NUMA TASCÁ DA MADRAGUÁ
(Litografia de Pálhares — 1861)

conheço um poeta mais prejudicial à educação particular e pública do que este trovador de Vénus e de Cupido: a tafularia do amor, a meiguice do Brasil, e em geral a moleza americana, que faz o carácter das suas trovas, respiram os ares voluptuosos de Pafos e de Citera, e encantam com venenosos filtros a fantasia dos moços e o coração das damas. Eu admiro a facilidade da sua veia, a riqueza

das suas invenções, a variedade dos motivos que toma para os seus cantos, e o pingo e graça com que os renata; mas detesto o assunto, e mais ainda a maneira por que elle o trata.»

Em verso, o mesmo *Elpino Duricense* dissera:

Onde o Ciprio cantor, o meigo Caldas?

Com Caldas Barbosa, o Lundum entrou nos salões, onde as damas o dansaram umas com as outras, dispensando os homens. Da *Roda da Fortuna* de José Daniel:

*Pintemos Dona Aniquilha,
De idade de vinte e um:
É perfeita figurinha
Posta a ballar o Lundum
Ensaaiada com a vizinha.*

Do facto, porém, de o Lundum, decentizado, entrar nas salas, não se segue que desertasse dos maus lugares. Adoptaram-no mal-sins, marujos e faiantes. Foi querido das «mulheres do fado» e das «fadistas», que haviam de vir a criar o Fado, descendente do Lundum, como já vários o têm afirmado.

A esse respeito é concludente a legenda da figura aqui reproduzida a côres e pertencente a um álbum da galeria Artur Brandão: *Fadista dansando o Lundum, ou na frase da Bala, riscando.*

Temos, portanto, que, nos comêços do século XIX, as fadistas de Lisboa, ou fôsssem as mulheres de má vida, dansavam o Lundum, que depois, como dança, evolucionaria para o «Fado batido» e gingão.

Que eu saiba, os investigadores da história do Fado não têm ido além de 1849 para a palavra «fadista». Ora o termo aparece antes. Encontra-se num folheto de 1833, *Queixames das Pequenas à vista da próxima mudança* (2.ª parte), e noutro de 1844, *Lamentações das Pequenas* (N.º 1), já se alude ao Fado como dança:

*Dansamos também o
[Fado,
Por ser dansa muito
[guapa,
E tomamos um fa-
[dista
Que sabe jogar à jaca.*

Isto para Portugal. No Brasil, há notícias do Fado muito antes, o que recua de bastante tempo e altera o que se sabia do assunto. Eis um trecho de *Falmeno* (Felisberto Inácio Januário Cordeiro), datado de 1819:

*Em espaço terreiro,
Gentes vi bailar mui bem
Mimoso Fado e também*



THE PORTUGUESE BOLERA (O LUNDUM?)
(Gravura inglesa)

*Engraçado Tacorá,
Nas belas noites de lua
Quanto é lindo o Paquetá.*

Num segundo Improviso:

*Sem largar das mãos a lira,
Pelo prazer transportado,
Celebro os bailes do Fado,
Tacorá, Carangueijinho,
Nestas chulices de amor
Paquetá é mui bonzinho.*

Como se não bastassem essas alusões muito precisas a uma dança chamada o Fado, acompanha a primeira uma nota em que se diz: «Fado, Tacorá, bem como Tombador, Carangueijinho, S. Paulo, Candieiro, Vai de Roda e Tirana, são outros tantos nomes de bailes brasílicos que correspondem aos que em Portugal se denominam Lundum, Fandango, Fôlá, Xula, etc.»

O facto de ao Fado corresponder, na nota transcrita, o Lundum, citados ambos em primeiro lugar, parece indicar que eram a mesma coisa. Ora convém recordar que *Falmeno* nascera em Lisboa em 1774, e só pôra para o Brasil, segundo Inocêncio, em 1811. Conhecia, portanto, bem os costumes portugueses, e não iria dizer que o Fado era brasileiro, se o tivesse ouvido nomear em

Portugal. Na verdade, como dança, a palavra aparece primeiro além-mar. No *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve* de Adrien Balbi, publicado em 1822, inclui-se o Fado entre as danças populares mais vulgares e mais dignas de nota do Brasil.

Que o Fado, como dança, teve larga expansão no Brasil provam-no numerosas referências. No teatro, tão pitoresco, de Martins Pena aparece o Fado. Uma personagem de *O Dilettante* diz, a propósito da música italiana: «Pois eu não gosto desta música, sempre é música que não se pode dançar; não há nada como um Fado.» Isto em 1845. O divertido *Juíz de paz na roça*, que é de 1838, manda tocar ao escrivanô «um Fado bem rasgadinho... bem choradinho...» Nas *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida (1854-55), descrevem-se várias formas do Fado, «essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte». Melo Morais tem a descrição de um Chiba, onde vêm estas quadras:

*Dansa o Fado, minha gente,
Que uma noite não é nada;
Se eu não fôr dormir agora,
Dormirei de madrugada.*

*O Fado veio no mundo
Para amparo da pobreza;
Quando me vejo num Fado,
Não me importo com a riqueza.*

Já vi escrito que o Lundum viera para Portugal no regresso de D. João VI, quando foi conhecido cá muito antes. O que talvez houvesse sucedido, foi ter o Lundum brasileiro, já aporuguesado em Fado, tornado para o Brasil com a ida do Príncipe Regente. E seria então caso de dizer que bom filho à casa torna.

Reproduz-se neste artigo, pela primeira vez, um documento sensacional. Trata-se de uma gravura a côres inglesa, sem assinatura, nem data (à roda de 1820), representando *The Portuguese Bolera*—título que, infelizmente, nada nos diz de preciso. *The Portuguese Bolera* é o mesmo que «Dança portuguesa». A gravura, muito rara, joga com outra do mesmo género e da mesma época, *The Spanish Bolero*; mas, ao passo que a dança espanhola representada era realmente o Bolero, ficamos sem saber ao certo o nome da dança portuguesa, que, sendo já nos movimentos um Fado batido, devia ainda ser, quanto ao nome, o Lundum.

Manoel de Sousa Pinto.



NAVY CARROLL e PHILIP HUNG, artistas de «PARADISOS».



JANETTE MAC DONALD e JOHN HILL, de «PARADISOS».

SE o conceito de beleza, sobretudo no que respeita à mulher, é um conceito flutuante e difícil de precisar, — maiores dificuldades reveste ainda a sua definição quando nos encontramos no mundo das imagens, perante as chamadas «belezas de cinema».

A mulher bela — disse, numa das suas obras, o galante Castiglione — é «aquela que agrada universalmente». Ora, no domínio da arte cinematográfica, temos de reconhecer que a mulher universalmente mais admirada, aquela que mais impressiona o sentimento estético das multidões, numa palavra, «aquela que agrada mais», está longe de ser a mulher mais bela. Ou, mais exactamente: o critério de beleza, no cinema, é diferente do critério de beleza, na vida. Não é a mulher de linhas correctas, de perfil mais acentuadamente clássico, de corpo mais perfeito, mais opulento e mais ajustado às exigências do cânon



A ARQUITETA COSMETA MONTENEGRO, de «METROS».

A BELEZA da expressão da atitude no cinema

grego, aquela que, no *seran*, desperta os entusiasmos mais exaltados e conquista as admirações mais ardentes. Pelo contrário: os tipos que dominam e triunfam, são os tipos singulares, irregulares, iluminados, as máscaras mais ricas de *jôgo* fisionómico, mais espirituais e mais fotogénicas. Donde se conclui que se, na vida, a beleza está sobretudo na forma, no cinema a beleza reside essencialmente na expressão.

Com efeito, que valem as belezas calmas, regulares e impassíveis,

que nós encontramos nas ruas ou nos museus, ao pé da feia Greta Garbo, soberba na volúpia infinitamente expressiva das suas pálpebras semi-cerradas, ao pé da finíssima Dolores del Río, fisionomia resplandecente, sobretudo nos lances agitados e mortificados da paixão, ao pé da incorrecta mas espiritual formosura de Gloria Swanson, em que a beleza do «movimento interior» substitui, com vantagem, a beleza precária e efémera das linhas? O encanto das *paups* é um encanto essencial-



UMA EXPRESSIVA ATITUDE de RAQUEL TORRES, de «METROS».

mente dinâmico. Sob esse aspecto, a cinematografia e a coreografia aproximam-se e confundem-se. O que importa é que o movimento seja belo, quer na série das atitudes, quer na série das expressões; a beleza parada, assim como não nos interessa na arte das imagens quinemáticas, deixa-nos insensível na arte das evoluções rítmicas. Bergson definiu com precisão o prestígio de Clara Bow, quando disse: «beleza é movimento.»

Destas rápidas considerações se conclui que, na preparação profissional das artistas de cinema, mais ainda do que nas de teatro, é fundamental o desenvolvimento dos dotes naturais de expressão fisionómica pela chamada «gimnástica expressiva», e das qualidades naturais de elegância pelo cultivo do desporto e da atlética rítmica. O *seran* é, acima de tudo, um grande album de expressões, e Hollywood uma grande escola de atletas.



A VELHA TORRE DA UNIVERSIDADE — A TORRE DA CABRA

QUANDO a um estranho se fala na cidade do Mondego, logo ele visiona um meio académico pícaro, entre boémio e sentimental, com o perfil da torre universitária dominando uma paisagem de choupal, onde as capias negras dos alegres rapazes se misturam com o chale bem traçado das airosas tricanas.

É claro que nunca a realidade, por mais interessante, corresponde às maravilhosas filmagens da fantasia, sobretudo quando se trata da fantasia dum português. Porque não há dúvida que a cidade académica por excelência, onde o forasteiro, se do sexo masculino e com certa apresentação, muito estranha ver-se teimosamente feito doutor *honoris-causa* por toda a gente que o serve, é ainda, apesar dos seus eléctricos e da sua Baixa, mercantil e tendente a progressiva, uma cidade com ambiente próprio, sensível, com a mazelha dos seus estreitos e empinados labirintos, os seus grandes espaços de vegetação e as enormes edificações brancas da Alta. A clássica torre da Cabra e do relógio, domina-a, sobretudo vista da parte do rio, onde Coimbra se assemelha a uma clara Aerópole espelhando-se em ribeira somambulizada entre paisagens de Sonho.

Porém, não é este pitoresco — mero cenário — a origem das grandes tradições académicas coimbras, mas a condição de existência do próprio meio escolar, por assim dizer, exclusivamente universitário, pois os colégios são letra morta em Coimbra, bem como o Liceu, oculto, envergado por trás de uns pilares do Aqueduto, e que é frequentado pelo *bicho* — como animal desprezível, de que não passa. As célebres *praxes*, verdadeiro código regulamentar da Academia, nem lhe dão a honra de o citar, muito embora o envolvam nas mesmas severas sanções que destinam ao *caloiro*.

As *praxes* vão ao ponto de ter um calendário privativo, à parte da Civilização. Assim, os espaços de tempo quotidianos são dados duas vezes ao dia pelo toque da Cabra, e anualmente espaçados nos períodos seguintes:

O *cabulário*, que vai de Outubro até ao Natal. O *pouco estudado*, que o segue até a Páscoa. O *estudado*, que finda com a queima das fitas, a 27 de Maio. R o *multo-estudado*, confinando-se com os Actos.

Todos estes períodos, sobretudo o terceiro, bem como os toques da Cabra, estão relacionados com as *praxes*. Segundo elas, a população académica divide-se, além dos citados *bichos* ou *caloiros*, em outros núcleos, que ostentam qualificativos da sua especial gíria, conforme o ano do curso. Quando quintanistas, se têm um mínimo de sete anos de Universidade, são *veteranos*. Após os anos primeiros, todos são doutores.

Como se depreende do que d'ele ficou dito, o *caloiro* está sujeito aos maiores rigores das *praxes*, assim como ao que mais quiser fazer-lhe qualquer outro estudante. Geralmente, este é o *segundanista*, que porfiadamente deseja vingarg-se do que sofreu no ano atrás.

Ele começa por entrar na Universidade sofrendo a vergastada das pastas que, para o

ESTUDANTES DE COIMBRA E A SUA BOÉMIA

efeito, estão de ataláia à Porta-Pérrea. Nesta emergência só pode protegê-lo a pasta dum quintanista, que o vá cobrindo. Depois, o mísero *caloiro* é susceptível de ser mobilizado por outro estudante, como seu lacáio, servindo-o à mesa, engraxando-o, fazendo-lhe os despejos, sempre apodado com os nomes mais insultuosos, em que se especifica o de *cornápeto*.

A tanto o podem forçar as *praxes*, exceptuando-se o corte de cabelo. Ele apenas terá lugar quando o *caloiro* transgrida a *praxe* que o proíbe de sair depois do toque da Cabra. Para polícia, organizam-se as *troupes* ordinárias e,



CURIOSA ORNAMENTAÇÃO, EM DIA FESTIVO, DA SÉDE DA «REAL REPÚBLICA RIBATEJANA»

sobre estas, as dos quintanistas. *Caloiro*, que por elas seja caçado na rua depois da hora regulamentar, é cabelo tesourado pela certa.

Esta última *praxe* cessa no Natal. Quanto ao *caloiro*, é-lhe concedida em qualquer altura protecção, quando em companhia de uma *troupe* regularmente constituída, assim como acompanhado de uma senhora ou de um militar. O *caloiro* ainda se considera protegido por si próprio quando vá embriagado, cantando enquanto dedilha uma guitarra, ou servindo de montada a um segundanista. Também um quartanista o pode proteger, pedindo protecção a um quintanista, que, por sua vez, a solicita em geral. Só o *veterano* tem regulas de isentar quantos *caloiros* lhe caibam debaixo da capa.

Tão terrível *praxe* finda a 27 de Maio, com a comemoração da queima das fitas, em cujo cor-

tejo ainda o *caloiro* é obrigado a figurar segundo o que dá na fantasia dos *doutores*, podendo fazer de qualquer animal ou de qualquer lente, e em geral de menino ou menina, levando dísticos, tais como este: «Abrir cadeias, e encerrar escolas». Então, o desgraçado *caloiro* deixa de ser mísero animal e é admitido na geral confraternização académica.

A característica mais interessante desta confraternização consiste nas chamadas *Repúblicas*, quotização de grupos de estudantes para compartilharem de uma casa, onde apenas pernoitam, como na R. T. 3, ou comem também, como na Real República Ribatejana. Esta tem sido a que nos últimos anos mais se tem destacado, organizando as anuais garraíadas e respectivos prospectos de farta risada, e ornamentando a sua sede com os trastes mais pitorescos, como lacios, bides e o semicúpio da casa. No seu pau de bandeira tem, de ordinário, hasteada uma garrafa, símbolo do principal produto e respectivos belerroses nacionais. Nela pontifica o alentado e pantaleónico dr. Mota. Subido o seu primeiro lance de escada, o visitante logo depara, para quando lhe for preciso, com o autêntico *Palácio das Necessidades* — tal como está escrito por cima. No primeiro piso, chistosa e muito livremente ornamentada, fica a casa de jantar, contigua à redacção do «Poney», jornal por cuja piada se pelam as meninas de Coimbra — ou lhe não fosse dirigido pelo façanludo dr. Castello!

Nestas *Repúblicas*, já altas horas, é uso onvri-se um murmúrio que parece de cantochão: vem a ser a vigília de algum estudante que tem a mania de estudar em voz alta. Isto, se outro, porque está em insónia, se não lembra de berrar, na calada da noite, uma canção ou um fado.

Outros ainda, desprezando o sono e os livros, vão em busca da carícia das tricanas. Fazem-no então só pelo prazer que dá o ar livre, esse idílico ar livre de Coimbra, que, em certas noites, incita às serenatas pelas sombras do velho casario ou dos seus parques românticos, quando não também entre as rammas do Choupal...

On Coimbra não tivesse a dominar a sua boémia académica, tão altos como a torre da velha Cabra, esses dois penedos que são o da Meditação e o da Saúde!

Aleixo Ribeiro.



UMA CELEBRAÇÃO DA TRADICIONAL QUINTA-FEIRA DE ESPIGAS

Um grande caricaturista brasileiro

RAUL PEDERNEIRAS

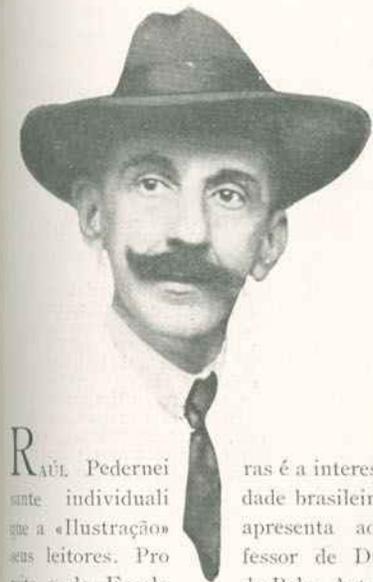
A feição artística, porém, em que é formidável e exuberante de inspiração é a caricatura.

Nesta variedade de aptidões em que a sua actividade se divide, o que mais ama é o seu lápis.

suas expressões, tudo reflexos do seu temperamento. Artista é que ele é.

A sua obra de humorismo é opulenta de inspiração e delicadeza.

Nesta página apresentamos um pequeno trabalho do artista, que tão pouco co-



RAUL Pederneiras é a interessante individualidade brasileira que a «Ilustração» apresenta aos seus leitores. Profeitor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, jornalista, poeta, comediógrafo e grande caricaturista, reúne um conjunto de aptidões que o tornam verdadeiramente notável. O seu lápis fácil de desenhador curioso e inspirado tem produzido uma obra variada abundante e singularmente valiosa. É um artista consagrado, o seu lápis de humorista é genial no género, o primeiro entre todos os seus colegas compatriotas. Figura moral cristalina, excessivamente modesta e afável, conquistou por tôdas as suas qualidades a estima geral. É um artista popular, tôda a gente o conhece, todos lhe sorriem, todos o cumprimentam, todos o respeitam.

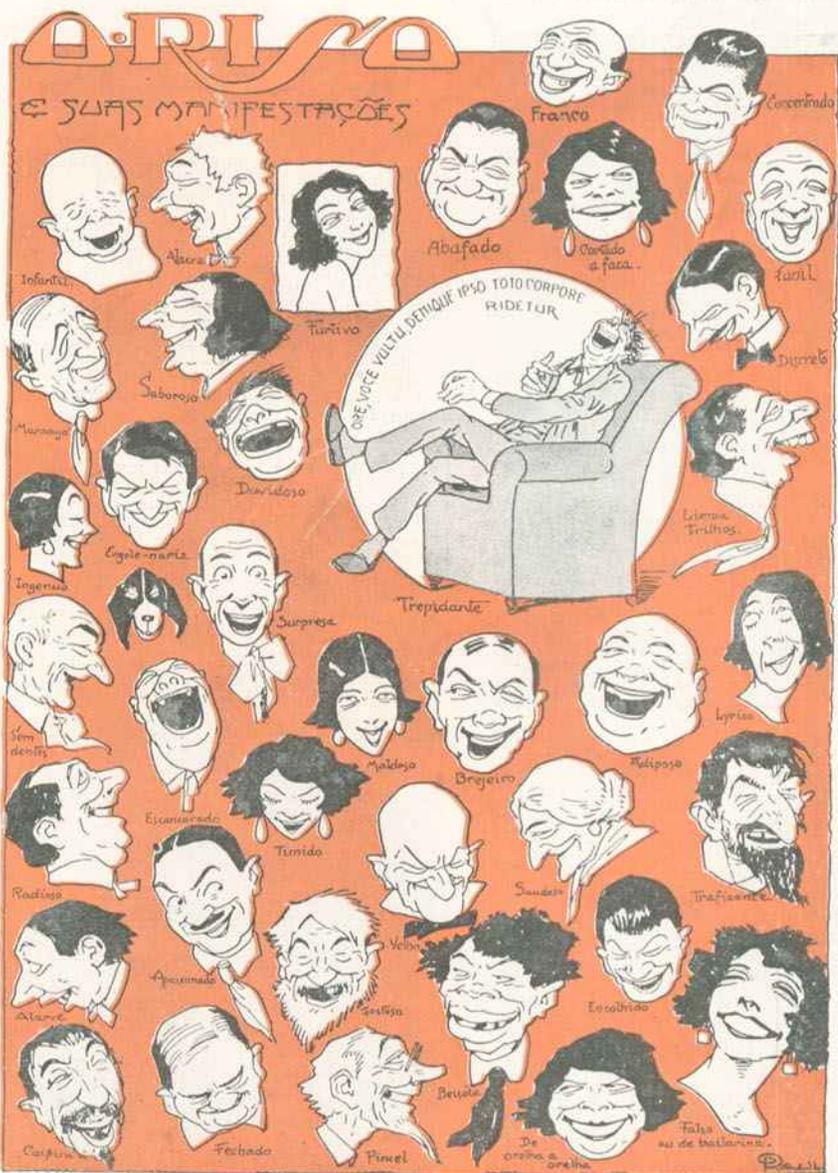
ras é a interessante individualidade brasileira que a «Ilustração» apresenta aos seus leitores. Profeitor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, jornalista, poeta, comediógrafo e grande caricaturista, reúne um conjunto de aptidões que o tornam verdadeiramente notável. O seu lápis fácil de desenhador curioso e inspirado tem produzido uma obra variada abundante e singularmente valiosa. É um artista consagrado, o seu lápis de humorista é genial no género, o primeiro entre todos os seus colegas compatriotas. Figura moral cristalina, excessivamente modesta e afável, conquistou por tôdas as suas qualidades a estima geral. É um artista popular, tôda a gente o conhece, todos lhe sorriem, todos o cumprimentam, todos o respeitam.

Acarinhado pelo seu grande talento e pela sua grande bondade, não tem quem o inveje, e ele, que vale muito, que é valor de verdade, não tem pretensões. Não afronta, cativa.

Raúl desconhece a vaidade, não busca selames nem as exhibições enfatuadas e fúteis dos inferiores. A sua personalidade, que a tem inconfundível, conquistou-a com o talento e com o trabalho, não é a personalidade artificial feita com o verniz do videirismo com que os vaidosos sem talento se costumam engraxar...

Raúl Pederneiras, na Escola de Belas Artes, rege a cadeira de Anatomia e Fisiologia Artística, e na Faculdade é chefe de Direito Internacional Público.

Publicou, entre outras obras, «Cenas da vida carioca», «Figurações onomásticas» e «Lições de caricatura». No teatro: «Berliques e Berloques», «O morro da Graça», «Meu boi morreu», «O chá do sabugueiro, etc.



(Da Revista da Semana)

Quem entre na sua casa adivinha logo o artista. A centelha da sua arte é que ilumina o seu lar e tôda a sua maneira de ser. O seu traje, o seu chapéu, que não troca em cerimónia alguma, a sua maneira de andar, os seus gestos, as

nhecido é entre nós. Em outros números reproduziremos novas produções e os nossos leitores terão ensejo de se deleitar e reconhecer com justiça incontestável que Raúl é artista para brilhar entre os grandes de qualquer país.

desportos

A preocupação máxima do nosso século, numa ânsia sempre crescente de aproveitar todos os momentos da vida, tem sido a busca constante da maior velocidade, procurando, para esse fim, sucessivos aperfeiçoamentos dos mais complicados maquinismos.

A velocidade é, para os homens, uma paixão. Amam-na, cultivam-na por prazer próprio. É a sua forma de vencer o tempo.

A esta ambição de triunfo sobre o tempo



A LUTA CONTRA O TEMPO

muitas têm sido as vidas sacrificadas porque, no estado presente das coisas, um perigo constante acompanha o temerário que se lança no regime vertiginoso das actuais velocidades *records*.

Os ingleses são, hoje, os reis incontestáveis da velocidade mecânica, detentores dos *records* mundiais em todas as especialidades, do avião ao barco automóvel, do automóvel à motocicleta. O enorme esforço que fizeram neste sentido custou-lhes alguns milhões de libras, cujo rendimento se traduz nos melhoramentos práticos consideráveis que, para a indústria do motor, trouxe o persistente estudo do rendimento e a pesquisa de um aproveitamento óptico da respectiva força motriz.

A média de 657 quilómetros à hora alcançada pelo aviador Stainforth no dia 29 de Setembro passado, percorrendo quatro vezes uma base de três quilómetros, excede aquilo que a nossa imaginação pode architectar abstractamente, e necessitamos para bem compreender o seu alcance, de a concretizar num exemplo material.

Façamos para isso uma suposição: o avião de Stainforth partia de Lisboa e se camuflasse em linha recta mantendo durante uma hora a sua velocidade *record*, encontrá-lo-íamos ao fim da viagem num ponto que se aproximaria de Bilbao se voasse para o norte da Península, ou aterrando em Múrcia se preferisse seguir para o sul.

Para bem ajuizar do progresso realizado neste capítulo, recordemos que o *record* mundial da velocidade em avião era há dez anos 330 quilómetros à hora (Lisboa-Cadiz ou à voz do Minho), e há vinte anos 133 quilómetros à hora (Lisboa-Beja); onde estaremos em 1941?

Pareceu-nos a este propósito interessante estabelecer paralelo entre as máximas velocidades conseguidas pelo homem nos vários meios de locomoção de que dispõe, começando pelas próprias pernas. Seguindo um critério um tanto arbitrário, transpusemos para o tempo padrão da hora as distâncias percorridas em máxima velocidade em distâncias inferiores e variadas mas que representam a maior rapidez.

Fica, assim, estabelecido que as distâncias

indicadas não foram realmente percorridas, mas tê-lo-iam sido se pudesse manter-se durante uma hora as velocidades *records* registadas nas várias modalidades.

O avião é, distanciado, o aparelho mais rápido; segue-se o automóvel, cujo *record* é pertença do malogrado Malcolm Campbell à base de uma milha percorrida nos dois sentidos, base esta que serviu também a Kaye Don para o seu *record* em barco-automóvel e ao motociclista Wright.

A distância indicada para a bicicleta é a única real e foi conseguida por Vanderstuyft em Montherly, correndo durante uma hora atrás de moto com pára-vento.

A velocidade do remador foi tomada a Pearce em dois quilómetros, e o nadador Weissmuller e o corredor Tolan limitaram o seu esforço a uns escassos cem metros.

Note-se ainda que, factor importante, enquanto nos *records* que poderemos chamar musculares o homem parte parado, o início do percurso é já passado a pleno rendimento nos *records* mecânicos, dando-lhe assim uma condição de vantagem.

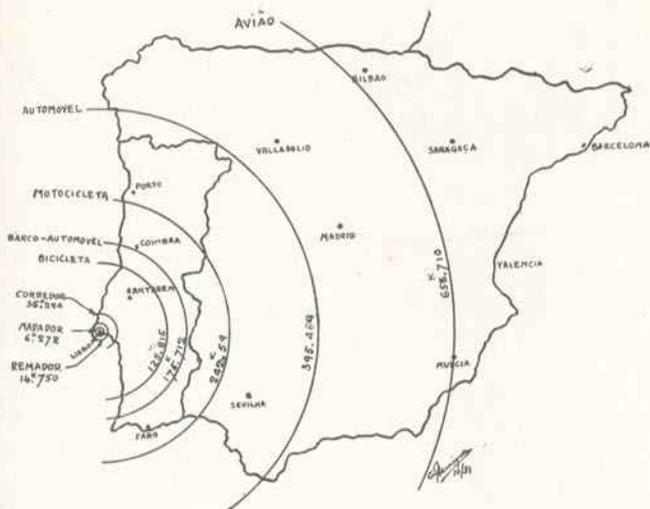
Os nossos esquemas indicam o alcance dos vários percursos tomando Lisboa por ponto de partida; quando o aviador—o mais rápido—descesse em Múrcia, o nadador—o mais lento—teria afanosamente atingido Belém, supondo que enectavam ambos viagem em frente do Terreiro do Paço, o primeiro percorrendo um metro enquanto o segundo percorria um centímetro.

Graças ao seu poder inventivo, o homem conseguiu desta forma munir-se de aparelhos que lhe multiplicam a capacidade de alcance, numa ambição sem limites.

Perante o seu esforço tenaz e porfiado, a distância constantemente se vai reduzindo como obstáculo às necessidades migradoras e nada nos permite fixar um *terminus* ao progresso possível; aquilo que hoje consideramos como banal acontecimento de uso comum seria, algumas décadas atrás, tomado como utópica fantasia de espíritos inventivos. As viagens que nossos avós empreendiam como ousadas aventuras, serão para os nossos netos simples passeios recreativos; quem sonharia há vinte anos, o espaço de uma geração, poder deixar Lisboa de manhã, almo-

EM CIMA—NORMAN TARR, À CHEGADA DA CORRIDA EM QUE BATEU O «RECORD» DE GEORGE.—EM BAIXO: À ESQUERDA—O GRANDE PIAVO NUBOM, BATENDO O «RECORD» DE TARR, LIMITA-O NA FORMA DE CHEGAR.—À DIREITA—A ENTRADA NA META DO FENÔMENO JULES-LADOUÉRGIE, NO MESMO ESTILO DOS SEUS ANTECESSORES.





car em Madrid e jantar sossegadamente em Paris?

Senhor da terra, senhor do mar, o homem voltou suas aspirações para o ar, e, forjando-se mais seguras asas que as de Icaro, d'êl se assenhoreou também para ir um dia, quem sabe, em busca de novos mundos!

Ao progresso mecânico que pela sua inteligência o homem dia a dia rasga em novos horizontes, corresponde um progresso físico de mais transcendente justificação.

No campo do desporto surgem, a espaços, individualidades-fenômenos que nos assombram com suas proezas, deixando a impressão de super-homens cujos feitos nunca mais serão igualados.

Anos volvidos, porém, alguém surge que desmorona o trono de glória do velho ídolo, para lhe ocupar o lugar, no definitivo de tólas as coisas transitórias.

No firmamento do atletismo mundial, Ladoumègue é a estrêla que ascende, ofuscando o brilho d'esse radiosíssimo sol que se chama Paavo Nurmi. Um a um lhe vai derrocando os records, distância a distância lhe apaga o nome da tabela de records internacionais.

O último feito do extraordinário corredor francês, conquistando o record da milha, que é de todas as distâncias clássicas a mais cubçada, ascende às proporções de uma das maiores proezas de todos os tempos e merece comentários especiais.

Os 4 m. 9 s. 1/5 de Ladoumègue, que melhoram de 1 s. 1/5 o tempo de Nurmi, foram conseguidos em circunstâncias muito especiais que lhe realçam o valor; a competição fôra especialmente preparada para esse fim e Ladoumègue tinha como adversários apenas compatriotas seus, que, embora fossem do melhor que conta o lote nacional, estavam todos muito longe da sua classe.

Resultado: o campeão, para conseguir seus intuítos, teve que os abandonar à sua triste sina e percorrer só, numa abalada heróica, os seiscentos metros finais do percurso. Pois, mesmo assim, o tempo da segunda metade da corrida é quasi igual ao da primeira, que bastou para arrazar os companheiros de Ladoumègue.

Na história do velho record da milha (1.600 m.) increvem-se quatro datas memoráveis e que é interessante comparar:

23-8-1886, W. G. George, correndo com o profissional escossês G. Cummings, após uma luta tenacíssima, disputando peito a peito até os últimos metros em que Cummings foi extenuado antes da méta, baixa o record para 4 m. 12 s. 3/4.

16-7-1915—O americano Norman Taber, defrontando o seu compatriota J. P. Jones, recordman amador da distância com 4 m. 14 s. 2/5, estabelece novo mínimo com 4 m. 12 s. 3/5.

23-8-1923—O finlandês Nurmi, correndo contra o suéco Wide, numa competição ardente, em que ambos batem o record do mundo dos 1.500 metros, termina a milha em 4 m. 10 s. 2/5.

4-10-1931—Jules Ladoumègue, sem adversários que lhe acompanhem o esforço, fixa o record da milha em 4 m. 9 s. 1/5.

Vejamus agora como se decompõem os percursos d'estes quatro homens, comparando-lhes os tempos de marcha tomados a cada quarto de milha (402^m.35):

	George	Taber	Nurmi	Ladoumègue
1.º quarto	58" 1/2	58"	58" 3/5	60" 4/5
2.º quarto	63" 1/2	62"	63" 1/5	63" 2/5
3.º quarto	65" 3/4	67" 1/5	64" 0	65" 4/5
4.º quarto	65"	60" 2/5	63" 2	61" 1/5
1.ª 1/2 milha	2' 2"	2' 5"	2' 4" 4/5	2' 4" 1/5
3/4 de milha	3' 2" 3/4	3' 12" 1/5	3' 2" 7/10	3' 8"
2.ª 1/2 milha	2' 10" 3/4	2' 7" 3/5	2' 5" 3/5	2' 5"

Os números provam eloquentemente quanto se ressentiu a corrida de Ladoumègue da au-

sência de competidores equilibrados; das quatro tentativas apresentadas foi a sua a de mais lento início e resultaria improficua sem o extraordinário valor do homem que, correndo sem competição, dispense para percorrer os segundos oitocentos metros da prova apenas mais quatro quintos de segundo do que gastara com os primeiros.

Para melhor ajuizar do que foi a tactica de cada um d'êles, fantasiemos que os quatro recordmen tinham competido nos seus percursos records e vejamos como decorria a luta.

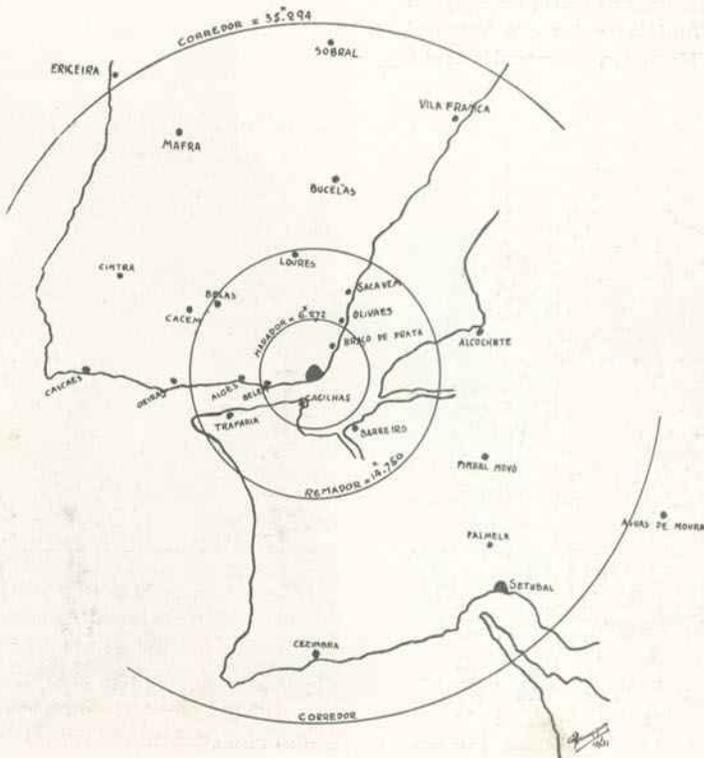
Aos 400 metros, Taber passaria à cabeça, levando quasi colados à sua passada George e Nurmi, enquanto Ladoumègue, menos rápido na abalada, vem quinze metros distanciado. O esforço inicial do americano parece, porém, haver sido excessivo para as suas forças, pois se vai atrasando dos companheiros, enquanto o francês, surpreendido pelo andamento da partida, deligencia alcançar o grupo da cabeça, e, a meia corrida, Nurmi passa com George colado, precedendo de uns doze metros Ladoumègue, que traz já cinco metros de vantagem sobre Taber.

O finlandês mantém enérgicamente a sua posição, e como George denuncia já fadiga e Ladoumègue continua aproximando-se, tudo indica que a luta final se travará entre ambos; quando são atingidos os 3/4 de milha, Nurmi vai isolado à cabeça, precedendo de oito metros a parêlha George-Ladoumègue, o inglês empregando esforços desesperados para evitar ser passado. O americano parece irremediavelmente distanciado, a uns vinte metros dos dois.

Na volta final, as posições definem-se: Ladoumègue, numa arrancada magnífica, recupera o atrazo que levava, alcança Nurmi a 120 metros da méta, passa-o de forma irresistível e termina vitorioso com sete metros e meio de vantagem, enquanto Taber consegue, num assomo de energia, alcançar George, completamente extenuado, e batê-lo por um escasso peito, terminando ambos a doze metros do finlandês.

Os jornais diriam, no dia seguinte, que os adversários haviam sido delirantemente aplaudidos, batendo todos quatro o antigo record mundial.

J. Salazar Carreira.





A SR.^a D. FERNANDA GONÇALVES E O SR. JOÃO ANTÔNIO DE SOUSA CALVET DE MAGALHÃES, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO REALIZADO NA CAPELA DAS PICOAS, NO DIA 19 DE OUTUBRO FINDO

Vida Elegante

que se fizeram representar, respectivamente, pela irmã da noiva, sr.^a D. Irene Gonçalves, e pelo sr. dr. Jesus Egea y Oltra, e por parte do noivo seu pai o sr. Vasco de Sousa Calvet de Magalhães e seu primo o sr. Marquês de Faria. O acto religioso foi celebrado pelo monsenhor Francisco Jorge, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da irmã da noiva, à rua Barata Salgueiro, um finíssimo lanche, seguindo os noivos no *sud* para o Palace do Buçaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na Costa do Sol

As manhãs dos domingos, depois da missa, na magnífica esplanada Tamariz, no Estoril, continuam marcando pela elegância, sendo ali o ponto quasi que obrigatório da nossa primeira sociedade. Ali se fazem tôdas as combinações, e se iniciam... «flirts».

A *Ilustração* conseguiu colher alguns interessantes aspectos da assistência, que em baixo publica. Num se vê a sr.^a Condessa de Carnide, vestida elegantemente de branco, a tomar um aperitivo para o almoço; em outra mesa, um gracioso grupo de gentis senhoras, entre as quais citamos as sr.^{as} D. Helena e D. Cristina Cardoso; e na superiormente colocada, vêem-se as sr.^{as} D. Maria Luísa Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Carlota Centeno Gorjão Henriques, sua filha D. Maria da Nazareth, D. Maria da Nazareth Centeno Infante da Câmara e seu marido, o sr. dr. Emílio Infante da Câmara, e seu filho.

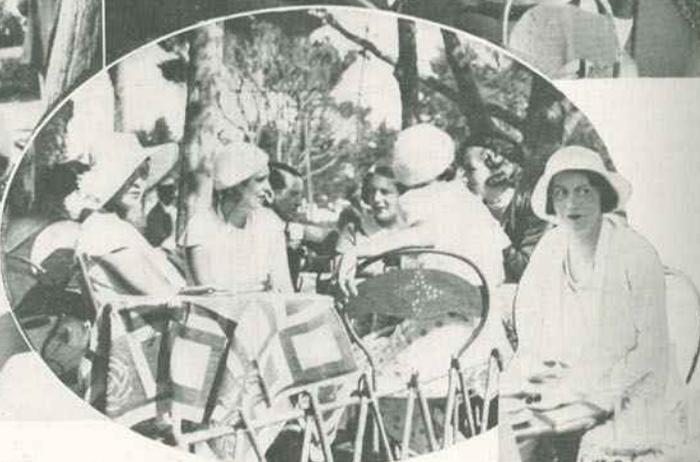
Viam-se também nessa manhã, que se apresentou risonha, alagada de sol, grande número de senhoras da nossa primeira sociedade, que ainda se encontram em Cascais, Estoril e Sintra, prolongando o seu veraneio.

A manhã a que se referem estas linhas é a do dia 18 de Outubro findo.

D. Nuno.

Casamentos

Na pequena capela das Picoas realizou-se, com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Fernanda Gonçalves, que representou a mulher portuguesa no Concurso de beleza feminina realizado no Brasil, em 1930, com o sr. João António de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, os srs. Condes de Dias Garcia, residentes no Rio de Janeiro,



FLAGRANTES DAS REUNIÕES MUNDANAS NO ESTORIL

CASO raro nos anais da moda, este inverno, como consequência da revolução da linha da moda operada no outono, são os chapéus que determinam as novidades em adornos e cortes. Efectivamente, desde que apareceram os novos chapéus, tipo *tricornio*, tornou-se necessário que os vestidos acompanhassem esse gracioso regresso à moda antiga.

E repare-se, em entrelinhas o dizemos, que não nos atrevemos a usar do usamos do adjectivo *gracioso* e adjectivo *lindo*. Esses chapéus minúsculos, inclinados gaitamente sobre os olhos, impõem uma inevitável fantasia aos vestidos da moda. E efectivamente, há nos figurinos últimos, nas últimas criações de *élite* dos costureiros, uma grande, uma original fantasia, o que não quer dizer que não se vejam, também, grande quantidade de vestidos muito simples, de uma linha muito singela, que são muito próximos parentes daqueles que se usaram na temporada de outono agora já agonizante.

Os modelos novos inspiram-se, evidentemente, nas modas do Directório, nas modas de 1860, de 1880 e nos figurinos de 1900 ou até de 1912, e não seremos nós que volveremos atrás numa opinião, já assente, de que os criadores de modas, agora apenas copiadores de velhas modas, andaram com manísta infelicidade ao escolher estas épocas como tipos de regressão, visto que elas marcam, precisamente, os momentos de apogeu do mau gosto e do ridículo na moda. O que vale é que, hoje, o gosto artístico inato na mulher está nela desenvolvido, em geral, de uma forma notável, e cada uma das senhoras que busca as linhas da moda, embora, na generalidade, se subordine a elas, adapta-as às suas condições físicas, passa-as pelo crivo apertado do seu bom senso e consegue, assim, formas novas, de simples e delicada beleza.

A linha tipo, porém, não deve ser modificada e pode, neste momento, representar-se por uma silhueta que modela suavemente o busto, aberta a cinta, desenha, de novo, muito apertada, as ancas e as coxas e vem alargar depois, ligeiramente, muito pouco, para baixo do joelho.

Como cor da moda temos, em primeiro lugar, o violeta, mas o castanho rivaliza com ele e também o cinzento-fumo, os verdes e os azues têm grande e variado emprêgo nas *tailletes* de inverno, sendo ainda o branco, como sempre, de grande requinte, bem como



CASACO COM GOLA ORIGINAL E GUARNIÇÃO DE «CARACOL». PADRÃO «ULSTEIN»

Modas



OS MAIS RECENTES MODELOS DE CORTE DE CABELO

o negro. O coral, o cor de mostarda e o laranja, fazem furor em certos vestidos de noite, embora nestes o violeta, pela sua delicadeza, não possa deixar de predominar entre todas as cores e tons.

Também há que saber escolher os tecidos que se vão usar no inverno. Um padrão feliz, original mas discreto, pode ser o elemento básico da beleza dum vestido sabiamente talhado. O melhor corte, porém, fracassa num tecido pouco discreto ou demasia-



CASACO DE VELUDO DE Lã, GUARNIÇÃO DE PELE NA GOLA E NO COTOVELO

de China ou *marocains*, os tules com pintas de veludo, os *lamés*, as rendas e os *chiffons*.

Os tipos de vestidos com predomínio na moda são os seguintes. Vestidos simples: vestidos de duas peças com saia em forma ou pregas e o *jumper* abotoado adiante, conjunto de uma ou duas cores, vestido apertado as ancas, o corpo abluado ligeiramente e com a parte de cima, às vezes, em *jersey*, outras em *chiné*; ou um vestido mais moderno, cintado e cortado caprichosamente na cinta, cingindo o busto, as ancas e abrindo em baixo em pregas ou *godets*. Na cintura um largo cinto de couro é requinte muito empregado nestes vestidos. Também se usam tunicas curtas ligeiramente em forma e as mangas têm, em geral, qualquer adorno ou corte junto ao cotovelo, por cima ou por debaixo.

Quanto aos vestidos de *alfaiate* vão usar-se imenso, sobretudo pela tarde. Jaquetas curtas ou de três quartos, sejam ajustadas às ancas ou soltas todas, marcam, claramente, a cinta e têm botões para fechar. Em geral, as jaquetas curtas levam bandas muito largas, outras têm, nos ombros, um pequeno fôlho em forma.

Também nestes trajos e nestas jaquetas se empregam peles em abundância, em golas e gravatas ou até em orlar toda a jaqueta. São trajos de uma cor só ou de cores contrastantes. Ainda acrescentaremos que se devem usar imenso as jaquetinhas muito curtas de pele; *agneau* branco com saia negra, *astrakan* negro sobre saia verde escura, *breitschwartz* sobre saia negra. O regalo redondo, completando a picardia antiga do *tricornio*, contribui para dar pitoresco e carácter a estes trajos.

Continuam, portanto, em vista desta voga do género *alfaiate*, as predilecções pelas blusas já tão em moda no verão passado. Claro está que agora, no inverno, as blusas já não serão dos mesmos tecidos. De manhã, em



CHAPÉU DE FELTRO «TÊTE NÈGRE» COM GUARNIÇÃO DE VELUDO DE SEDA PRETO COM «PLEUREUSE» DE CÔR NATURAL

CHAPÉU DE FELTRO, COM GUARNIÇÃO DE VELUDO DE SEDA VERDE

CHAPÉU DE VELUDO DE SEDA PRETO COM «PLEUREUSE» DE CÔR NATURAL

CHAPÉU DE VELUDO DE SEDA PRETO, COM FITA DE «GROS GRAIN» COM ACRESSO PRETO



CHAPÉU DE VELUDO DE SEDA BRANCO «GAUFRES», MODELO JEAN PATOU

malha feita à mão e de fundo *maté* com pontos ou pintas de cor forte; às vezes desenhos escoceses em lã podem produzir efeitos deliciosos em blusas de abafo. Também são tecidos apropriados para blusas de mais luxo, para de tarde, o setim, o veludo estampado, etc. Em geral serão em branco ou em cor pálida a jogar caprichosamente com a cor do vestido. Com um vestido de veludo *gris* claro numa blusa rosa pálida é um amor; sãia de pano negro, jaqueta de veludo vermelho e blusa de setim branco, dão origem a outra combinação deliciosa. Usar-se-á muito a forma de colete. Em geral, as blusas serão muito trabalhadas, com *à-jour*, fôlhos plissados, franzidos, etc.

Queríamos falar às nossas leitoras, detalhadamente, dos vestidos de noite e, sobretudo, dos casacos de abafar. Mas a tirania do espaço obriga-nos a adiar esta parte da nossa amável conversa para outra vez. Contudo, damos aqui, já, a par de modelos deliciosos de vestidos e chapéus, alguns modelos daqueles abafos.

A MODA DO VELUDO

O veludo, êsse tecido lindíssimo, de tão singular aspecto opulento e elegante, volta a estar na moda. A sua retirada das lides da moda, que se notou nas últimas épocas, certamente se deve ao seu preço elevado e à necessidade que há sempre de empregar veludos de grande qualidade nas confecções boas, sob pena de se obter um arremêdo ridículo de um vestido de luxo, que dura um ápice e se faz, rapidamente, hediondo. Por isso, os vestidos de veludo serão sempre caros mas sempre incomparavelmente distintos. Também, ao empregar-se um tecido de tão alto preço, deve aproveitar-se a beleza do mesmo para nele executar modelos caprichosos e complicados, de requinte, de originalidade manifesta, como o modelo que junto reproduzimos, uma criação de *Philippe et Gaston*, os modistos geniais, que vai, decerto, fazer um grande sucesso. O veludo, logicamente, emprega-se mais, pelos motivos acima indicados, nos vestidos de tarde, sem-

pre de mais luxo que os vestidos destinados ao *footing* matinal.

PENTEADOS...

É um facto indiscutível que a fantasia reaparece nos penteados, como nos vestidos, como nos chapéus, como nas *toilettes* complicadas de luxo.

Os cabelos curtos continuam em plena moda, mas já não com aquele exclusivismo que o ano passado presenciou e que era o mesmo que, há anos, disfrutavam os cabelos compridos.

Já não são os cabelos curtos, em resumo, os únicos que a moda, verdadeira ditadora despótica, admite sem apêlo. A própria moda actual do trajar faz com que os cânones do penteado prescrevam certas variações e até autorizem cada senhora a usar o cabelo como melhor entenda; até ao ombro, até à nuca, ou até um pouco mais longos, formando um pequeno carrapito sobre o pescoço.

Vejamos, primeiro, o que a moda diz a respeito dos cabelos francamente curtos.



CHAPÉU DE «PANNE» PRETO COM PÁSSARO SEUL, MODELO ROSE VALOIS

Deve confessar-se que é êste o penteado ainda preferido pela maioria das senhoras e ao qual, com justiça, se reconhecem inabalavelmente mais qualidades boas.

Para as desportistas, para as senhoras que têm muitos afazeres, nada mais prático; uma penteadela rápida e pronto!... O defeito é que tem um ar demasiadamente austero (depois de ser apontado como um indicio de frivolidade) para casar bem com os vestidos actuais, estilizações do ultra-frívolo. Por isso se afeminizam os penteados de cabelo curto com alguns caracóis, alguns frizados... Para isso há que cortar os cabelos deixando-os um nada mais compridos sobre as orelhas, e por isso os ganchos, que tinham sido engeitados pela moda, voltam a fazer acção de presença, sustentando ondas e pastas, numa reminiscência também dos romantismos capilares de 1830.

Passemos agora a falar do regresso, já indiciado, ainda que débilmente, aos cabelos compridos ou, pelo menos, semi-compridos.

É um facto que as questões de economia,

que preocupam, muito justificadamente, todas as famílias, decidiram imperiosamente muitas senhoras a deixar crescer o cabelo. As largas esperas em casa do cabeleireiro, os elevados preços de cada sessão, a frequência, quási absurda, dessas sessões, são tudo elementos que influem, poderosamente, para que uma senhora, de bom senso e equilíbrio, tome a decisão de modificar o seu penteado deixando crescer os cabelos cujo tratamento permanecendo curtos, tantos cuidados necessita e tanto tempo faz perder. É claro que não pensam em ressuscitar aquelas fantásticas e ridículas tranças de outrora, caíndo até aos pés e que, uma vez enroladas na cabeça, faziam com que esta afectasse um aspecto de um colchão bamboleante. Deixam-se então crescer os cabelos até fazer um pequeno carrapito, que não desfigure a linha airoza da nuca e que, ao mesmo tempo, possa ser facilmente despontado em casa à tesoura. É um pouco aquêle carrapito pequeno, chato, pouco volumoso, que outrora usavam, por via de regra, as meninas do colégio.

BELEZA DA ALMA E DO CORPO

Para evitar a queda do cabelo convém lavar o couro cabeludo com glicerina, 60 grammas; borax, 10 grammas; água de flor de laranja, 10 grammas, e friccioná-lo depois suavemente com flanelas quentes, mantendo-o em escrupuloso estado de limpeza.

Os japoneses, povo essencialmente poético, falam com frequência utilizando metáforas, e até nos anúncios comerciais adoptam tais extravios de linguagem. Vejamos alguns exemplos traduzidos de revistas e jornais nipónicos, secção de anúncios:

«Os nossos pacotes são embalados com aquele cuidado que uma noiva põe em acarinhlar seu espôso.»

«Papéis tão resistentes como a pele de um elefante.»

«Impressões tão claras como o cristal; texto tão grato como o canto de uma virgem.»



CHAPÉU DE VELUDO DE SEDA CARBANHO COM FANTASIA DE PENAS, MODELO JOHANNA KÖRIG

«Mercadorias expedidas com a rapidez fulminante de um tiro de canhão.»

«Sêdas tão suaves como as faces de uma linda mulher.»



Dá-se o nome de *aftas* a uma enfermidade que começa na mucosa bucal e se vai estendendo pela garganta e intestinos, consistindo em umas manchinhas brancas que se assemelham a grumos de leite coalhado.

É uma doença que ataca principalmente as crianças de mama, e, como se trata sempre de uma enfermidade grave, deve ser combatida desde o seu início.

Um grama de clorato de potassa com dez de mel refinado, bem misturados, são remédio excelente. Com a mistura e a ajuda de um pincelito pequeno, cobrem-se as *aftas*, que desaparecem, se acaso se não deixou progredir demasiadamente a doença. Se assim for, chame-se o médico, para evitar consequências aborrecidas.



A felicidade é um acontecimento, não é uma atitude. — *Worthington*.



Só o amor pode curar feridas que amor fez.



Para amolecer os calos, o mais eficaz é humedecê-los com um pouco de essência de hortelã pimenta. Além de os amolecer, esta essência alivia imediatamente as dores, tão incomodativas, de tais excrecências.



O que vulgarmente se chama *terço* é, na verdade, um acidente sem maior impor-



CASACO DE ABAFAR, EM FINA MESCLA «MARRON» E BRANCO, COM SUMPTEUOSA GOJA DE RAPOSA PRATEADA. CHAMÉU DE VELUDO NEGRO — (Folo Orliou)

tância mas que é bastante aborrecido. Numa senhora, por exemplo, é uma sensaboria, pois poucas afeições há que produzam efeitos tão anti-estéticos. Assim, logo que se dê com o começo da inchação, deve aplicar-se à pálpebra afectada uma série de parches de água muito quente ou, melhor, pequenas cataplasmas de farinha de linhaça ou de migas de pão e leite.

Os banhos de água de rosas são também excelentes, mas devem dar-se o mais quentes que seja possível aguentar.



A formosura é uma tirania de curta duração.



As vezes ama-se com uma alma que não é a própria alma...



Em questões de amor, o homem muda, mas a mulher... circula...



Cada vez que não compreendem, as mulheres sorriem irresistivelmente, e então imaginamos que compreenderam.

Um preparado excelente contra as dores de dentes é o seguinte: Álcool, 8 gramas; cânfora, 4 gramas; ópio, 25 centigramas; essência de cravo, 20 gotas. Misture-se bem e aplique-se embebendo uma bolinha de algodão que se coloca sobre a corôa do dente furado ou no próprio orifício determinado pela cárie.



Fala muito pouco de ti, pouco dos outros e muito de tôdas as coisas belas e generosas.



A gentileza é o perfume da bondade.



Hoje em dia está a mulher abusando, inconscientemente, dos pós de arroz. Não condenamos o excesso de pó de arroz na *toilette* apenas sob o ponto de vista higiénico, mas sim e, sobretudo, pelo facto de o seu uso exagerado ser coisa de um ridículo inconcebível. Mas a verdade é que, as senhoras, em grande parte, em vez de empregarem êsses pós como meio de tornar mate a pele dos seus restos, o que fazem é rebocar a cara e, sobretudo, o nariz, de uma forma grotesca. Não se encontra uma senhora, em um cento, que, usando pós de arroz, se não note que os usa.



Provérbios russos sobre a mulher:

As solteiras pensam no matrimónio e as casadas no amor.

Um louco faz muitos loucos, mas mais loucas faz uma louca.

O último amor é que é o verdadeiro.

Aquele que alimenta sua mulher com vinagre, nunca beberá mel em seus lábios.

Também a feia chora quando parte o espelho.



CASACO DE SPORT DE MESCLA BRANCA E PRETA, COM GUARNIÇÃO NAS PANDAS. MODELO A. C. STEINWART — BORLÉM



CASACO DE SPORT, EM Lã DE TABACO, COM UMA LARGA FAIXA DE PELE DE TIGRE SOBREADA E CINTO COM FECHO DE METAL. MODELO MARTIAL & ARMAND — PARIS

O DESTINO

QUASI todos nós acreditamos que nos livrámos já de um perigo qualquer por mero acaso; quasi todos nós vimos já, uma vez só que seja, na nossa vida, inclinar-se para o abismo o prato da balança e não cair, vencido já, apenas por milagre...

Poucos terão tanto a certeza de que assim foi como Matias Reñales, moçoito peludo, que exerce o desalmado mister de guarda dos consumos e anda mais vezes aos tiros do que a rezar as contas. À parte dos incidentes do officio, Matias costuma ver-se metido em outros que nada têm que ver com as posturas da Câmara, porque Matias é mais amorudo que um dromedário africano, além de ciumento, provocador e dado a questões sem vãs jactâncias, mas com alardes de valentia que chegam a parecer bizarra temeridade; e à sua maneira e dentro do círculo nada selecto das suas relações, Matias vai buscando uma série de emoções românticas e joga a pele com indiferença de valente e de fatalista.

—Porque, veja vocemecê—disse-me êle por ocasião de vir visitar-me para me pedir certa recomendação, a número quinhentos mil das que a tôda a hora chovem sobre todos os *influentes* e não *influentes*—...em não estando escrito ali—e mostrou, de indicador espetado, o teto do meu escriptorio—...em não estando escrito que se há de viver mais, sai um homem à rua, faz vento, cai uma telha e vem de bico, dá-lhe na *cachimônia* e... toea a ir *fazer teijolo*...

Esquecia-me dizer-lhes que Matias, vindo já homem, para Madrid, é de Albacete, não sei se mesmo da cidade dos punhais, mas talvez da província, e convém adverti-los, também, que o seu tipo corresponde ao do semi-moiro, baptisado, mas, no fundo incristianizável, que, com tanta frequência encontramos nas nossas regiões do sul. De arrogante figura, tez olivácea, olhos de fogo e veludo, barba de intensa negrura e um bosque de cara-



Conto original
da Condessa
de PARDO BAZÁN

cois descuidados coroando a formosa cabeça, Matias é grave e sentencioso a falar e nem se gaba de suas proezas nem «corta na casaca» a ninguém. Há nele rasgos simpáticos de dignidade maometana, sobretudo quando insiste sobre a esterilidade dos esforços humanos para evitar o que «está escrito». Não emprega, sempre, esta frase; mas o conceito é idêntico. E puxando pelo fio do episódio que ainda hoje faz eriçar os cabelos negros do Matias.

—Eu era um garotinho dos seus sete anos e vivia com minha mãe, pobrezinha!... em casa daquêle avô, pai do meu pai, que era lavrador. Eu ainda não podia ajudar porque não tinha força e o que fazia era pilhar alguma guloseima e andar em constantes diabruras. Em casa, além da minha mãisinha e eu, es-

tava a outra nora do avô, e outros dois rapazitos, o Roque e o Melchiorito, filhos dela. A minha tia chamava-se Tecla; minha mãe Prantos—como a Virgem dos Prantos que é padroeira da terra.—Ambas elas, a minha tia e a minha mãe, tinham enviuvado ao mesmo tempo, a quando do cólera. Aquilo foi a dôr do mundo!... E o avô, que queriam que o pobre fizesse? ...Recolheu-as e amparou-as ...e todos comíamos.

O que sucedia era a comida a uns fazer proveito e para outros ser como se engulissem o «sino saimão». Minha tia Tecla era desta casta... Mulher mais seca!... Parecia malagueta de conserva ou um gato que estivesse vinte dias fechado num armário. Seca e botando lume pelas ventas. Tinha um gênio que era vinagre puro e andava roída de raiva porque os seus dois rebentos não havia forma de medrarem, ao passo que eu era mesmo um pêro, «rijo e teso, para acudir ao pêso!» A minha mãe andava babada comigo; que afinal não tinha outra coisa em que se rever, neste mundo, e o avô—caprichos da velhada—também era um baboso por mim, enchia-me de mimos e dava-me, às escondidas, a melhor fruta da quinta. E veja vocemecê, que eu compreendo bem as coisas; quero dizer na minha que a que teve um par de gaiatos tão criaturas de Deus como os outros e mais fraquinhos, mais delicados, e vê que todos os carinhos vão para outra criança e outra mãe... Como quere vocemecê que ande? Como uma pantera! E assim andava a tia Tecla; deitava-me uns olhos, às escondidas, que eu corria a meter-me, assustado, nas saías da minha mãe, a tremer como um vime.

«Eu cá não era muito medroso... Antes pelo contrário... era mais ruím que um basilisco; sempre metido em brigas e fazendo maldades a tôda a hora, atirando pedras nem que fôsse ao sol, rachando cabeças a matulões que também me punham a «tola» cheia de galos. Mas

dianete da tia Tecla, entrava comigo um tremor, um tremor, que me tirava a fala e me deixava tolhido. Era como um fulano que veja uma serpente das grandes e que, em vez de deitar a correr, fica ali pregado ao chão, à espera da mordedura. A tia Tecla encantava-me com os seus olhos de basilisco com que sempre me estava varando; e é que por aqueles olhos saía um ódio de tão de dentro da entra-nha, que me pareciam as fôlhas de dois punhais metendo-se-me pelo coração a rachá-lo em quartos. Como eu presumia de valentão, dava-me vergonha dizer à minha mãe que tinha assim aquêlo medo tão horroroso; mas eu ia jurar que a ela lhe acontecia o mesmo, pobresinha!... e cada vez que eu me afastava um minuto já ela andava à minha procura cheinha de angústia.

«Por aquêlo tempo o meu avô fez uma coisa que não havia direito, e digo sem faltar ao respeito à sua memória nem que se diga que sou ingrato, porque a gente de maus fígados se torna ainda pior quando a picam com coisas que não são de justiça. Pois o avô, que Deus lhe tenha perdoado!..., sentindo que lhe pesavam os anos, chamou um «tabalião» e dispôs de tudo que avezava; a horta, os trastes, a casa e a lavoira, umas courelas... e tudo em meu favor. Aos pequenos da tia Tecla nem tanto como isto!... Não é verdade que são coisas para fazer dançar uma pessoa?... Eu cá não tive notícia de nada... e mesmo que tivesse, o que entende um petiz dessas coisas? O que vi foi que a minha tia Tecla se pôs ainda mais feroz e quando me piliava só parecia que ia fazer-me em farriscos. Que dó que eu tenho dos que têm medo! O medo é coisa má, é assim como que uma doença... Eu perdi a vontade de comer e vieram-me as febres.

«Era uma morrinha, que todo o santo dia o passava enroscado à beira do lume, junto à lareira. Era verão em cheio e eu estava a tiritar. O sangrador disse que aquilo era da humidade da vala, mas olha lá não fôsses!... Estava boa a humidade! A minha mãe armou-me uma espécie de cama com um colchão e uma colcha de chita e não havia quem me arrancasse dali. O avô praguejava e jurava que tinha sido alguma bruxa que

me deitara o mau olhado. E pode ser que sim, que os olhos deitam veneno!...

«Eu não sentia nem mígalho de alívio, quando um sábado, que dia tão lembrado!... a minha mãe pôs o caldeiro da barrela a ferver. Enquanto a água não fervia foi a pobre esfregar a roupa para o pátio. O avô também tinha ido dar uma volta para tomar o sol. E vai um dos pequenos da tia Tecla, Roque, o mais velho, que era da minha idade e meu amigo a valer, vendo-me deitado e com a cara tapada pela colcha, sacudiu-me e disse-me:

— Matias, sabes que a cadela teve seis cachorros? E está tão ciumenta que não me atrevo a deitar a unha a nenhum. És capaz...

Eu sempre tive a debilidade de, quando me perguntam se sou capaz, me atrever a tudo, até me parece, que a dar a cara a Deus em pessoa. Respondo logo «vais ver», e saltei do colchão para fora. O Roque, não sei porquê — as vezes que tenho pensado porque pôde ser aquilo!... Coisas da sorte dum homem!... — vai e diz: «Pois eu, para que não dêem pela malhada, meto-me aqui no teu lugar». E mete-se na minha cama e vai puxa a colcha para cima da cabeça... tal e qual como eu!...

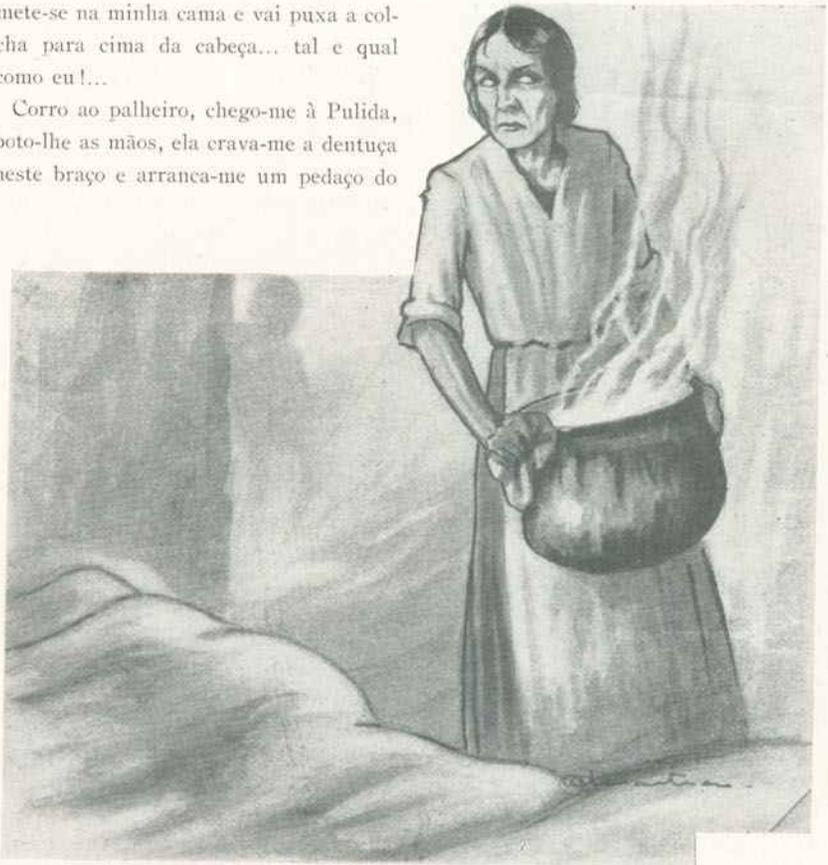
Corro ao palheiro, chego-me à Pulida, boto-lhe as mãos, ela crava-me a dentuça neste braço e arranca-me um pedaço do

coirame — não há como as mãis para defenderem as crias!... — agarro um dos mamões, ainda com os olhos fechados, um muito lindo, fecho a cancela e, a correr, volto à cozinha. À entrada da porta parei, tolhido de susto. Estava lá a tia Tecla!... Eu, que nem uma estátua... Com a cadela atrevia-me, mas com a mulher!... E assim, agachadito, vejo que o demónio apalpa a minha cama, e o meu primito calado como um rato. Então, Virgem dos Prantos!, via-a agarrar pelas asas o caldeiro da barrela que fervia a bom ferver, erguê-lo em pêso, voltar-se, chegar-se à cama e de repente — zás!... emborca-o em cima de uma vez!...

Se vocemecê visse o que sofreu, antes de morrer, aquêlo inocente escaldado vivo!...

E aqui tem vocemecê porque depois acreditei que o que está escrito lá em cima... — acrescentou Matias com um relampaguear de espanto, ainda, nas pupilas, ao recordar a tragédia.

(Tradução de J. S. F.).



O "homem das botas de cortiça" e o Santo Milagre de Santarém

ALDIAS, vilas e cidades de Portugal contam, passados séculos, milagres mais ou menos refulgentes de aura, histórias entrecedoras de imagens que sorriram às povoações crentes, como hálitos de luz doirada dum sol benfazejo de Maio.

Velhos e novos, pobres e ricos, fidalgos e plebeus cantam em versos simples e com orações respeitadas as aparições dos santos amigos e os benefícios perenes da sua linda protecção. Todas as terras portuguesas têm o seu santo, a fé dum milagre, e por todos os cantos a religião se casa com os folguedos populares registradores da crença e motivo de comemoração periódica. Festas grandes. Festas rijas as de Portugal romeiro contemporâneo e bom, simples e cantador! Há milagres longínquos e há milagres de ontem. Duns sabemos pelo que nos diz a tradição, mas outros deram-se na nossa vida e todos os vinhos...

No meio desta vida aldeã, através das narrativas religiosas que povoam cidades e aldeias, surge, aqui e ali, o pitoresco, não na essência do motivo da credulidade mística, mas na relação de toda a hora com o «caso», com o «facto».

Mas, sempre, ainda assim, com todo o picaresco dos incidentes, adrede, a labareda da fé, fervor impagado de todas as idades, consolação e amparo, ilusão e prémio.

Santarém é terra de evocação. Guerreiros e monges andaram por ela, em chusma, acatovelaram-se, beberam a mesma luz do seu ambiente de velhos fastos e trabalharam o torrão úbere dos seus campos de ansiosas vegetações.

A Senhora da Piedade e o Santo Milagre marcaram o calor devotivo.

Mas, o Santo Milagre colheu, de súbito, a facécia, e nessa enredação curiosa trouxe aos santarenos uma aura de esperteza em que os lisboetas ficaram bem tocados.

É rei D. Afonso III e senhor da igreja romana Clemente IV.

Não arredada do templo de Santo Estêvão, mártir de nomeada entre cristãos, uma casa

de gente pobre viceja em viela tortuosa como flor alva e cheirosa.

Marido e mulher tinham-se desavindo, êle enfestado e deleitoso de novas miragens amorosas, ella desolada pela traição conjugal. Soube da discórdia uma judia que estava de posse de todos os processos de cura de dissídios do coração. Simples a receita. E eficaz?

A esposa relegada ao abandono, no acto de comungar, furtivamente arrancaria a partícula da bôca, guardá-la-ia na própria baciulla do lenço que lhe cingia o rosto e, sem delongas, apresentá-la-ia à judia alquimista. Lá vai já, pela rua, a mulher, e toda a gente vislumbrou sangue que escorria do estranho embrulho que as suas mãos nervosas

ravilha» que o povo adorou desde então. Ainda hoje na âmbula se descortinam manchas de sangue que assim se têm conservado desde a era de 1266, reinando em Portugal o Holonhês. Rodaram pela terra mais de cinco séculos, muitos lábios se cerraram para a vida balbuciando o nome do Santo Milagre, e nos três dias da Pascoela, de todos os anos, se faz a festa que recorda o divino acontecimento.

Portugal agitava-se com as incursões dos franceses. Os soldados de Napoleão devastavam tudo o que encontravam no seu caminho. As igrejas mereciam uma sanha especial, imagens desacatadas, túmulos violados, alfaias reduzidas a retalhos ou a dinheiro...

A cidade escalabitana soube da invasão logo nos primeiros dias de Outubro de 1810, quando a água imperial transpusera já as portas de Coimbra. Foi o tropel, o terror da fuga, e não tardou que Santarém fôsse quasi um êrmo.

O beneficiado de Santo Estêvão, sentindo os franceses nas barreiras cidadãs, consegue ainda salvar a preciosa reliquia. Envolve a âmbula num dos corporais e em outro embrulha a reliquia de Santo Estêvão. Uma bôlsa encarnada e branca aconchega tudo carinhosamente, e é depenurada do pescoço do beneficiado que, com a custódia, caminha em direcção a Valado. Numa cova aberta por homens de confiança enterra-se a custódia. Não se detém o padre e, passando à margem esquerda do Tejo, alcança Salvaterra de Magos e Samora Correia, pisando o solo de Lisboa no dia 21.

A ninguém dará a reliquia, e só a custo de muito instar e depois do recurso da prisão, o patriarca logra saber do salvamento. E o chefe da igreja lisboeta trás do Aljube o beneficiado na carruagem adamascada a branco, e o Santo Milagre lá vai a caminho de Marvila, onde, em plena noite, o carro entra com solenidade, ladeado de criados com archotes de cêra. E em *tantum ergo*, vela religiosamente a entrada da reliquia veneranda no sacrário, perante o qual ondas de feis ajoelharam em êxtase no dia 26 de Dezembro de 1810, e, daí por diante, no primeiro domingo de cada mês.

A horda militar da França imperial, acossada já por portugueses e ingleses, battu incerta o caminho da retirada, e Santarém não hesita em reclamar o Santo Milagre que nela se revelara no acontecimento duocentista da humilde rua das Esteiras. Lisboa assenhoreada do culto faz ouvidos duros e obstina-se em não deixar que os santarenos recobrem a «maravilha».

Não há meios legais, nem talvez violentos que consigam a volta do Santo Milagre.

E Scalabicaastro vence, picarescamente, a velha Ulisseia.

Impressa na officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões, com a devida licença da Mesa do Desembargo do Paço, sai uma noticia que espantaria as pessoas mais serenas. Um official inglês, por uma aposta de quinhentas libras esterlinas, comprometi-se a atravessar o Tejo, servindo-se para isso, unicamente, dum par de botas de cortiça da sua invenção. O percurso seria da Torre de Belém à Torre Velha.

Lisboa despovoou-se. Só ficaram em casa os paralíticos, e dêsses mesmos quantos teriam sido levados a contemplar o curioso e inédito espectáculo?

Toda a margem fluvial de onde se pudesse enxergar a estranha aventura apinhava de curiosos, ávidos de presenciar a travessia arriscada e original do «homem das botas». E os minutos passaram e as horas, e, tranquilamente, o Santo Milagre era tirado do seu sacrário lisboeta e embarcado para Santarém, onde a população se entregava a um regosio enorme.

Santarém ludibriara Lisboa. E, na gria popular, o acontecimento ficara como motivo de chasco, de engôdo iludido, e tanto se inventou na tradição do povo, que vulgar é dizer a pessoas crédulas que almejam o illusório—«vocês esperam pelo homem das botas...»

Nogueira de Brito.

NOTICIA.

HUM Official do Exercito Britanico, tem apostado 500 Libras Esterlinas, que ha de passear á travessa do Rio Têjo, na Segunda Feira que vem, á huma hora, ou depois do meio dia, em hum par de Botas de Cortiça; e principia o seu passeio á Torre de Belém, e ha de chegar á Torre Velha. Estas Botas são de huma construcção admiravel, e curiosa forao inventadas pelo mesmo Official, que faz este passeio.

L I S B O A :

NA OFF. DE JOAQUIM THOMAZ DE AQUINO BULHÕES.

Anno de 1811.

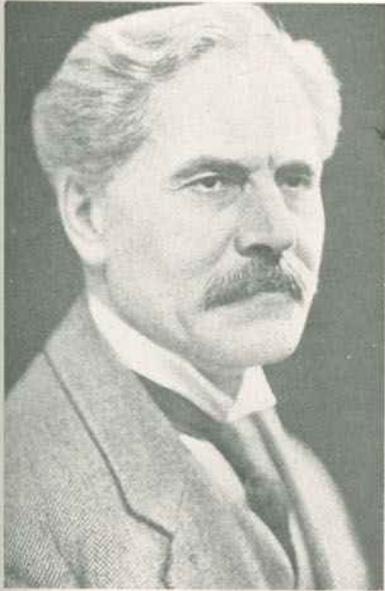
Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

apertavam. Explica-se como pode e corre para casa a guardar, transida, em velha arca o objecto sagrado.

Mas, na noite alta, os esposos são despertados por uma intensa claridade que alagava de luz o quarto e que, irradiando da arca, dava a impressão de que o sol lá alto.

Tocaram humildemente os joelhos do casal o chão hostil, e, quando a manhã sorria esplendorosa, para Santo Estêvão, foi a «ma-

Pelo Mundo Fora



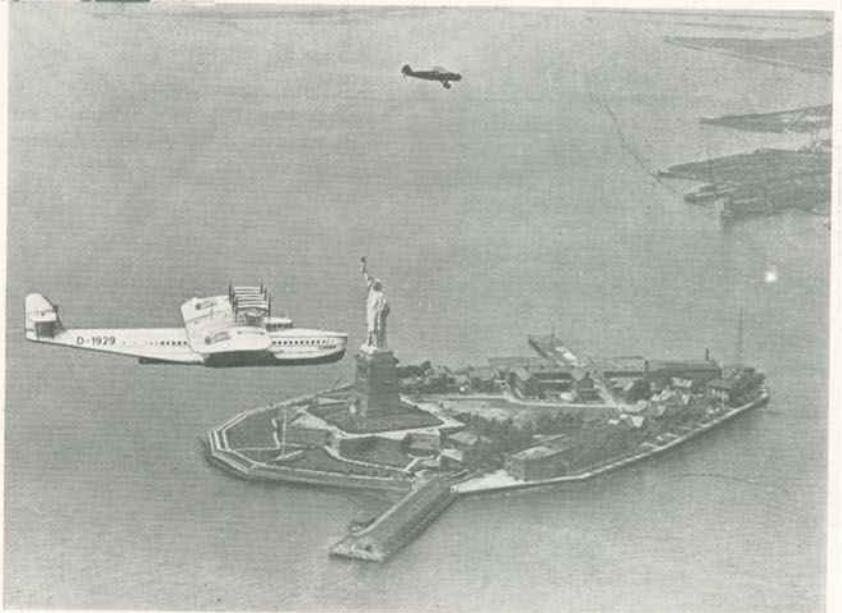
EM CIMA (da esquerda para a direita): MAC DONALD, CHEFE DO GOVERNO INGLÊS; HOOVER, PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS; LAVAL, CHEFE DO GOVERNO FRANCÊS. EM BAIXO: BALDWIN, CHEFE DO PARTIDO CONSERVADOR INGLÊS. SÃO ESTAS AS INDIVIDUALIDADES SÔBRE QUEM PESAM PRINCIPALMENTE AS RESPONSABILIDADES DO MOMENTO INTERNACIONAL.



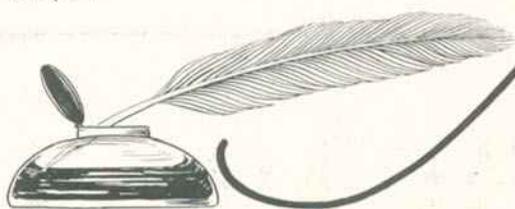
LAVAL EXPONDO AOS JORNALISTAS AS SUAS IDEIAS, ANTES DE PARTIR PARA NOVA-YORK



A PRIMEIRA VEZ QUE UM PEQUENO DIRIGÍVEL AMARRA AO CAIS DO EMPIRE STATE BUILDING, DE NOVA-YORK. O EMPIRE STATE É O MAIS ALTO EDIFÍCIO DO MUNDO.



O FIM DE UMA DIFÍCIL PROVA QUE MARCA UMA ÉPOCA NO PROGRESSO DA AVIAÇÃO. O DORNIER D.O.X. CUJOS MOTORES FUNCIONAM COM GASOLINA E ÓLEOS DA VACUUM, AO PASSAR SÔBRE A ESTÁTU DA LIBERDADE, NO PORTO DE NOVA-YORK.



Noticias

A Ilustração, em breves linhas, regista nesta página alguns desses acontecimentos, entre os quais, com excessiva frequência, o ndearam, esvoaçaram crepes. Também a perturbaram violentos temporais, que, sobretudo na provincia, produziram danos consideráveis. Mas redimiu-se no final, com uma apoteose de luz, desta luz meridional que, mesmo no outono, parece ter fulgores primaveris.



NOVO GENERAL.
O nosso generalato inscreve hoje um novo nome: o do sr. Amílcar Pinto, que, por escôlha, foi promovido ao mais alto posto do exército nacional.

MAESTRO ALVES CORLHO

Em plena labuta de ensaios no teatro cuja orquestra últimamente regia, traço-eira mente a doença, que veio afinal a vitimá-lo, acometen Alves Coelho, professor primário cumpridor e músico de elevado talento e fresca inspiração, bebida, em geral, nos inesgotáveis temas do folclore nacional. Deixou uma obra vastíssima no teatro musicado, andando muitas das suas composições no ouvido do povo, que lhes reteve o ritmo e as canta, assim consagrando o estro do artista.



NOVO MINISTRO DO INTERIOR

A recomposição ministerial havida recentemente entre nós limitou-se à entrada de um



novo titular para a pasta do Interior. Essa nomeação recaiu no sr. dr. Mário Pais de Sousa, que à presente situação política já prestava serviços, como governador civil de Coimbra.

A MULHER NO DESPORTO

Longe vai o tempo em que a prática do desporto era defesa à mulher. Hoje, porém, já a vemos praticante e vitoriosa em provas de destreza, quando não também de força. Os campeo-



natos nacionais do tiro, por exemplo, contam presentemente com uma concorrente de elevado mérito: a sr.^a D. Judite Wallenkamp, que, este ano, ganhou, pela terceira vez, a prova «Feminina», tendo concorrido também ao campeonato nacional de carabina, no qual obteve 372 pontos.

MORREU O «PEPE»!

Ris a exclamação há dias saída, doloridamente, da boca de todos os frequentadores dos campos de foot-ball. José Manuel Soares, o Pepe, era alguém nesse meio, nesse departamento do desporto nacional. Fêz parte de seleções que compareceram em jogos internacionais, a sua acção foi, muitas vezes, decisiva nos resultados de certos desafios de importância, deu fartos louros ao Club a que pertencia — o Belenenses. Uma intoxicação, produzida por alimentos que se supõem em mau estado, provocou-lhe a morte. No seu funeral incorporaram-se umas vinte mil pessoas. E, enquanto este desfilar, o garoto apregoava o seu retrato: «Cá está uma recordação de Pepe!» como sempre que uma figura notável e amada pelo povo desaparece.



DR. SAMUEL MAIA

Quando de visita à sua terra natal, a Viseu, deu ali uma desastrosa queda, que lhe fracturou uma perna, o nosso querido amigo e ilustre colaborador, dr. Samuel Maia. Muito desejamos, todos os que trabalham nesta redacção, vê-lo, em breve e por completo restabelecido, regressar ao nosso convívio.

DR. OLIVEIRA RAMOS

O professorado catedrático de Portugal foi há pouco desfalcado de um dos seus mais altos valores, com o falecimento do dr. Manuel Maria de Oliveira Ramos — vastíssima erudição, inteligência admiravelmente lúcida, carácter de exemplar integridade. Vinte e sete anos honrou a cátedra, como professor de História Geral e de História de Portugal. Eram muitas as suas faculdades intelectuais, sendo um profundo crítico de arte, sobretudo no campo musical. Além da tradução, actualizada, da monumental *História Universal*, de Oncken, publicou muitos trabalhos literários, que ficam a dar um relvêo de excepção ao seu nome probo e ilustre.



DR. DUARTE LEITE

Por limite de idade, segundo noticiam os jornais, vai passar à inactividade o sr. dr. Duarte Leite, ilustre professor, que desde há anos desempenhava o elevado cargo de Embaixador de Portugal no Brasil, ali desfrutando uma situação de grande prestígio.

Assim perde a nossa representação no estrangeiro uma figura de alto relvêo.

Concurso fotográfico para amadores

NO PRÓXIMO NUMERO A ILUSTRAÇÃO INICIARA UM IMPORTANTÍSSIMO CONCURSO DE FLAGRANTES FOTOGRAFICOS, A QUE OS AMADORES DE TODO O PAIS PODERAO CONCORRER. PREMIO DE ALTO VALOR.



O amor, em sendo alto, costuma ser imprudente, E nos gestos de quem ama Logo o vê quem o não sente.

QUAL O ASSINANTE DA

ILUSTRAÇÃO

QUE VAI FICAR MILIONARIO?

11.339 (BILHETE
INTEIRO)

LINDO NÚMERO

É este lindo número da lotaria do próximo Natal que a ILUSTRAÇÃO destinou aos seus novos assinantes ou aos antigos que renovarem as suas assinaturas até 15 de Dezembro próximo

A LOTARIA DO NATAL DE 1931

Tem os seguintes principais prémios

1 de 6.000 contos — 1 de 600 contos

QUALQUER DESTES PRÉMIOS, QUEM SABE SE O MAIOR,

PODERÁ PERTENCER AO **n.º 11.339**

QUEM SABE?

E SE FÔR ESSE O NÚMERO FELIZ?

Pensem bem os leitores da ILUSTRAÇÃO no seu desespero se não se habilitarem e a **bola feliz** ser mesmo a daquele lindo número!

A SORTE TEM CAPRICHOS!

E o que é preciso fazer? Apenas assinar por 6 meses, pelo menos, a mais bela, a mais luxuosa, a mais categorizada publicação ilustrada de Portugal

A ILUSTRAÇÃO

de que são colaboradores os mais notáveis escritores portugueses

Para dar direito ao prémio que pertencer ao número do nosso bilhete **11.339** (que lindo número que ele é) é preciso que o assinante tenha o número igual aos três algarismos finais do número contemplado **com o 2.º prémio**.

EXEMPLO

Supunhamos que o número contemplado com o **2.º prémio** é o número 5 035. Neste caso caberá ao assinante n.º 035 o prémio que pertencer ao **nosso 11.339**. Se porém a este nosso número couber o prémio grande de **6.000 CONTOS** o assinante rec herá **apenas 2.000 contos** sendo os restantes **4.000 contos** divididos metade pelas duas aproximações e o restante pelas seguintes 18 aproximações, as nove anteriores e 9 posteriores. **Só neste caso é que o prémio é dividido**. Se fôr qualquer outro prémio pertencerá por inteiro ao assinante feliz.

Esclarecendo uma excepção

Como acima se explica, para dar direito ao prémio que pertença ao **n.º 11 339** regulam os três algarismos finais do nú-

mero premiado com o 2.º prémio. Estabelece-se apenas uma excepção para a hipótese de ao nosso número, (ao nosso lindo número 11.339) pertencer o 2.º prémio da lotaria porque neste caso, e só neste, regulará o número contemplado com o primeiro prémio para a designação dos três algarismos finais do número do recibo de assinatura premiado.

E porque é necessária esta variante?

Porque se assim não fosse o assinante que tivesse o n.º 339 (e todos reclamariam este número) levariam a vantagem fácil de compreender.

Conclusão evidente:

Assina-se a ILUSTRAÇÃO levando-se para casa a boa leitura, sempre moral, um repositório variadíssimo de assuntos que a todos interessa, album precioso de magníficas gravuras, admirável revista verdadeiramente nacional, aonde colaboram os mais ilustres escritores portugueses e... ainda

QUEM SABE? — a independência, a fortuna — QUEM SABE?

FIM DE PESTA

GRANDE SEMELHANÇA

Num processo de divórcio, o advogado da queixosa alegava, entre outras razões, incompatibilidade de génius e descrevia o génio do marido como brutal, violento e arrebatado.

O advogado do marido levantou-se então, por sua vez, e descreveu a senhora como rancorosa, colérica e rabujenta.

—Peço desculpa, meus senhores—interrompeu o juiz—mas, com franqueza, não vejo onde está aí a incompatibilidade de génius.



DEPOIS DA ZANGA

Mafalda:—Tu, já se sabe, falas à Helena, quando a encontras?

Germana:—Ai, não falo, não! Olha, nem sequer reparo como ela vai vestida!



A professora:—Vamos lá a ver, Terezinha: A sua mamã compra um vestido por 490 escudos, um casaco por 850 escudos e um chapéu por 220 escudos. Isto tudo somado, o que dá?

A Terezinha:—Dá uma questão com o papá!



Rapaz parlapatão:—Pois é verdade, eu leio no pensamento. Posso dizer exactamente o que uma pessoa está pensando.

Sujeito de mais idade:—Nesse caso, peço-lhe desculpa.



No restaurante:

—Rapaz! Que diferença há entre o bife de 3\$50 e o de 3\$50?

—É que, com o bife de 3\$50, dá-se uma faca que corta muito melhor.



—GOSTA DO MEU CASACO NOVO, TIA?
—ESTÁ BONITO, FILHA, MAS FICAVA MAIS TILGANTE SEM ESSE PEDAÇO ESQUISITO DE PELE DE COELHO AÍ NA GOLA.
—O TIA! MAS ISSO NÃO FAZ PARTE DO CASACO... FAZ PARTE DE MIM.

(Do Punch)

O professor:—Para que nos servimos de sabão?

O Joãozinho (desconsoladamente):—Era o que eu gostava de saber!



Novo cliente:—Há umas poucas de semanas que tenho lutado com um desejo terrível de me matar, doutor.

O médico:—Ora, ora, que ideia!

O cliente:—Mas pensei que o suicídio é um pecado; e então vim ter consigo.



Ela (para o marido):—Anda cá depressa, o pequeno enguliu um ganchinho meu.

O marido:—Isso não tem importância, filha. Os ganchos já não são precisos para nada!



—A lebre—dizia um caçador—é o mais covarde dos animais.

—Bem sei; mas eu sempre te queria vêr com as pernas da lebre e à lebre com a tua espingarda, para vêr o que tu fazias!

OS DOZE QUADRADOS

(Passatempo)

Aqui estão doze quadrados, os quais devem ser dispostos na forma de um quadrado único e de maneira que cada fila e cada coluna dêem a soma total: 21.

Para executarem isto cortem doze quadradinhos de papel, marquem em cada um quatro compartimentos iguais, numerando-os con-

1	2	3	4
5 6	5 6	5 6	1 2
3 1	6 1	6 1	2 4
5	6	7	8
5 3	1 4	3 4	1 2
6 1	2 3	4 3	2 3
9	10	11	12
3 5	2 4	3 4	1 2
4 3	4 5	4 5	4 5

forme a figura indica. Depois procurem resolver o problema. As diferentes peças podem ser coladas numa folha de cartão, mostrando a sua colocação definitiva e final.

—Lembra-se dumas luvas que eu comprei aqui, o outro dia?—princípioir dizendo a freguesa, enfadada.—Disse-me o senhor que me haviam de durar dois anos.

—Sim, minha senhora. E então?—interrompeu o luveiro.

—Então, perdi-as—tornou a freguesa;—e agora, o que é que o senhor faz?



—GOSTA DO MEU CASACO NOVO, TIA?
—ESTÁ BONITO, FILHA, MAS FICAVA MAIS TILGANTE SEM ESSE PEDAÇO ESQUISITO DE PELE DE COELHO AÍ NA GOLA.
—O TIA! MAS ISSO NÃO FAZ PARTE DO CASACO... FAZ PARTE DE MIM.



O nosso jogo de prendas prossegue neste número: eis a quarta figura em evidência, das seis que a «Ilustração» prometeu publicar. Descobrimo os nomes respectivos e dizendo-nos as razões por que essas pessoas estão na berlinda, mas dizendo-o com certo espírito, ficarão os nossos leitores habilitados a receber diversas e valiosas prendas, das quais a primeira é, sem dúvida, tentadora: um exemplar do encantador romance de Júlio Deniz, «As pupilas do Senhor Reitor», com encadernação de luxo e ilustrado por Roque Gammeiro, em aguarelas reproduzidas em tricromia.

E é tão fácil a todos concorrerem! Basta que, após a publicação dos seis retratos, nos enviem as suas respostas, dentro de um envelope, dirigido à nossa Redacção, respostas essas que, desde que acertem com os nomes todos e sejam graciosas, poderão alcançar aquele e outros prémios bons que vamos estabelecer. Animem-se, leitores, e vão pensando:

Quem está na berlinda?
Porque está na berlinda?

Visado pela Comissão de Censura

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^o

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.	—	64\$50	130\$00
(Registada).	—	69\$00	135\$00
Espanha e suas colonias.	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$00	132\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	72\$00	144\$00
Outros países.	—	72\$00	144\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.^o—Lisboa

**O TELEFONE
É UM GIGANTE**



EMPREGA:
 1.050 empregados
 451 empregadas
 12.783.648 metros
 de linhas aereas
 57.938.752 metros
 de cabos subterraneos
 26.335 postes

Este é um
 anuncio da
INGGO PORTUGUESE TELEPHONE Co. LTD.
 R. Nova da Trindade, 43 - Lisboa
 Rua da Picaria, 5 - Porto

e é um servo fiel que
 V. Ex.^a terá em sua casa
 por 50\$00 por mês.

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisi-
sações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui.»

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

INTIMIDADE

ELA e ELE — *Estão deitados e cada qual lê um jornal. Ele um grave jornal político, ela um jornal da tarde, no qual só se interessa pelas secções sociais, noticiário e romance.*

ELA, *dobrando súbitamente o jornal* — Bem, São horas de dormir.

ELE — Espera mais um pouco.

ELA — É muito tarde.

ELE — Enquanto você não acaba de ler o seu jornal não acha que é tarde.

ELA — Estás muito enganada. Eu não acabei. Mas tenho juízo. Já bateram onze e meia. São horas de dormir. Eu interrompo a leitura e peço-te que faças outro tanto.

ELE — Daqui a pouco. Estou lendo uma coisa muito interessante.

ELA — Eu também estava lendo uma coisa interessante, contudo...

ELE — Pois então lê e não me interrompas.

ELA — Deixa-te de tolices. Vamos dormir.

ELE — Eu não estou com sono.

ELA — Pois admira. Lendo umas coisas tão idiotas devias ter dormido há muito tempo.

ELE — Você tem a mania de achar idiotas todos os romances.

ELA — Todos, não; mas êsses folhetins... Eu nem compreendo que interesse possa encontrar neles uma criatura inteligente como tu.

ELE — Pois essa leitura diverte-me.

ELA — Não é uma razão. Não se deve procurar apenas as coisas que nos divertem. Se ao menos lêssees bons autores.

ELE — Bons e... maus... Prefiro essa literatura talvez inferior mas... leve, variada...

ELA — Como se chama essa nova maravilha? (*Curva-se para o jornal que sua esposa está lendo*). A *Devoradora de Corações* (Ri). É o cúmulo! *Devoradora de Corações*. Quem é essa antropófaga? E como devora os corações? Cozidos ou assados?

ELE — Que gracinha! É um romance muito bem feito. E você? Que é o que está lendo? (*Curva-se para o jornal do marido*) «*As queixas dos cultivadores de linho no Ohio*» Oh! Deve ser de um interesse palpitante! Bem me importam a mim os cultivadores de Ohio. Eu nem sei onde isso fica.

ELA, *muito sério* — É nos Estados Unidos. Eles...

ELE — Espera. Não expliques. Eu não sei nem quero saber. Prefiro ler a *Devoradora*... Faz-me o favor de não me interromper. (*Continua a ler. O marido fica um instante imóvel; depois resolve retornar também a leitura. Abre o jornal, que é enorme*). Espera, homem. Estás-me tirando a luz.

ELA — E como é que hei de ler um jornal sem abri-lo?

ELE — Abre-o com jeito. De resto, um jornal deste tamanho não é o mais próprio para ser lido na cama.

ELA — Eu não posso também mandar fazer jornais por medida.

ELE — Mas podias não insistir em me interromper a cada instante.

ELA — Bem, Lê à tua vontade... Mas quando acabares, faz o favor de dizer para que eu feche a luz.

ELE — Não te incomodes comigo. Eu mesmo apagarei, quando acabar.

ELA — Como? Ela está de meu lado... Só se passares por cima de mim...

ELE — Você vai dormir já?

ELA — Naturalmente.

ELE — Pois muito bem. Se vais dormir não precisas de continuar com a lâmpada de teu lado. Passa-a para cá.

ELA — Aqui a tens. Estás satisfeita? Posso dormir, afinal.

ELE — A tua vontade.

Voltam-se de costas um para o outro. Silêncio.

Ela lê.

ELE, *de súbito* — Oh criatura... Fica quieta.

ELA, *voltando-se quasi num salto* — Ora essa! Então eu não estou quieta?

ELE — Não. A cada instante mexes um pé, um braço, um quadril...

ELA — Eu?

ELE — Sim... É possível que até nem dêes por isso, porque já fazes isso por hábito... És incapaz de ficar quieta dois minutos...

ELA — Oh! meu querido... Eu juro-te...

ELE — Está bem... está muito bem... Mas ao menos afasta-te um pouco.

ELA, irritada — Queres que eu saia da cama?... que eu vá dormir no tapete?...

ELE, detendo-a — Oh! filha, não digas parvoíces. Tomar a mal uma coisa à tóa.

ELA — Coisa à tóa, não!... Há muito tempo eu noto que você está tomando horror a mim... Agora vejo que até meu contacto te é insuportável... (Chora).

ELE, sentando-se no leito, irritado, contrariado e apicadado ao mesmo tempo — Valha-me Nossa Senhora! Uma tragédia destas só porque eu...

ELA — Só porque você não me tolera nem quieta e em silêncio a seu lado. Há muito tempo que eu noto essa aversão, que você a princípio procurava disfarçar. Até já me sujeitava a passar as noites na beirinha da cama, bem encolhida, a fim de ver se evitava seus gestos de aborrecimento, seus gestos de irritação...

ELE — Ah! Senhor... Quanta exageração. Eu não tenho culpa de ser nervoso e uma irritação puramente física não significa que eu não goste mais de ti.

ELA — Se você gostasse não ficaria irritado porque eu o toco com um pé, sem querer... Diga logo de uma vez, que, se pudesse, dormia sôzinha...

ELE, após uma ligeira hesitação — Há muitos casais que dormem em camas separadas e nem por isso, deixam de se amar muito. De resto, os higienistas...

ELA, continuando a chorar — Quando se ama não se pensa em higiene. Além disso, eu, se tivesse que dormir sôzinha, morreria...

ELE, assombrado — Como?

ELA — De medo.

ELE — Quê? Medo de quê?

ELA — De ladrões, das almas... de tudo. Desde que seja à noite e eu me deite, tenho medo... Por isso é que gosto tanto de dormir com a cabeça sobre o teu ombro, bem aconchegadinha.

ELE — Mas eu fico com o braço dormente...

ELA — Antigamente, logo que nos casámos, tu não te importavas com isso e me deixavas dormir assim.

ELE — Pois sim. Coloca tu teu lindo braço debaixo do meu pescoço e daqui a pouco verás...

ELA — Pois não. (Toma posição para que ele coloque a cabeça em seu ombro).

ELE — Estás doida! Então eu vou fazer uma coisa destas, sabendo o quanto te vai ser incômodo?

ELA — Vês. Tu é que não queres. Eu gostaria até de me sentir fatigada pelo peso da tua cabeça...

«Uma coisa, mesmo que seja incômoda, vinda de ti, agrada-me.»

ELE — Oh!... querida. Isso é muito poético mas é tolice.

ELA — Quando não se ama mais, tôdas essas coisas parecem tôlas.

ELE hesita, disfarça um suspiro de resignação e diz: — Mas são tolices adoráveis. (Deixa cair o jornal e estende o braço). Vem cá.

Ela precipita-se, aconchega a cabeça na curva do seu ombro e estende um braço sobre seu peito. — Ah!... Estou tão bem assim. Boa noite, meu amor.

ELE — Boa noite, meu amor.

HENRI LAVEDAN.



MATOLIN

**Tinta a Agua
Lavavel**

**Higiene e
Economia**

Torne Higiênicos os quartos de seus Filhos, mandando-os pintar com «MATOLIN» — a tinta higiênica e de aspecto surpreendente, devido à variedade dos seus tons

À VENDA NAS BOAS DROGARIAS

Pedir indicações ao Deposito Geral: Rua de S. Julião, 23, 1.º Lisboa
Telefone: 2.2374

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:

Manual do ferreiro
Nova edição 13\$00

Elementos de projecções
Nova edição 16\$00

Física elementar
2.ª edição 14\$00

Trabalhos de carpintaria civil
6.ª edição, revista e ampliada . . . 16\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

Manual do torneiro e fрезador mecânicos
Nova edição 14\$00

Manual do condutor de automóveis
Nova edição, actualizada 25\$00

Elementos de história da arte
2.ª edição 25\$00

NO PRÉLO:

Vocabulário técnico e Outros volumes

Dirigir pedidos à

Livraria BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75
LISBOA

Está à venda o

ALMADACH BERTRAND

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

**UNICO NO SEU GENERO
EM PORTUGAL**

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa. — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 paginas, cartonado 10\$00
Encadernado luxuosamente. 18\$00

33.º Ano - 1932

À venda em todas as livrarias
Pedidos à Livraria BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICORIEIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOCARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TRICIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

**Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é**

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com engraçadíssimas ilustrações de **ILBERINO DOS SANTOS**

AS AVENTURAS DO NINI E DO JUBIM

- I—Nini, um bonito menino branco, recebe um presente inesperado.
- II—Jubim, interessante pretinho, conquista as simpatias e a protecção dos pais de Nini.
- III—Aos alegres brinquedos seguem-se os primeiros estudos.
- IV—Eles apartam os dois pequenos e Jubim foge da casa dos seus protectores.
- V—Nini é mandrião, mandrião até mais não.
- VI—O pai resolve mandá-lo para a África.
- VII—E aí, na África maravilhosa, se encontram de novo Nini e Jubim e se tornam amigos a valer.

Opiniões de alguns críticos a respeito deste livro:

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias».

(Do jornal *As Novidades*).

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*).

«O apreciado autor de «Ao sôpro da Vida», «Nossa-Senhora Eva», «As grandes núpcias», «Biblioteca das Noivas», «Almas em Flor», etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil».

(Da revista *Portugal Feminino*).

Preço:
5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

E EM TODAS AS LIVRARIAS

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texas*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kernor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

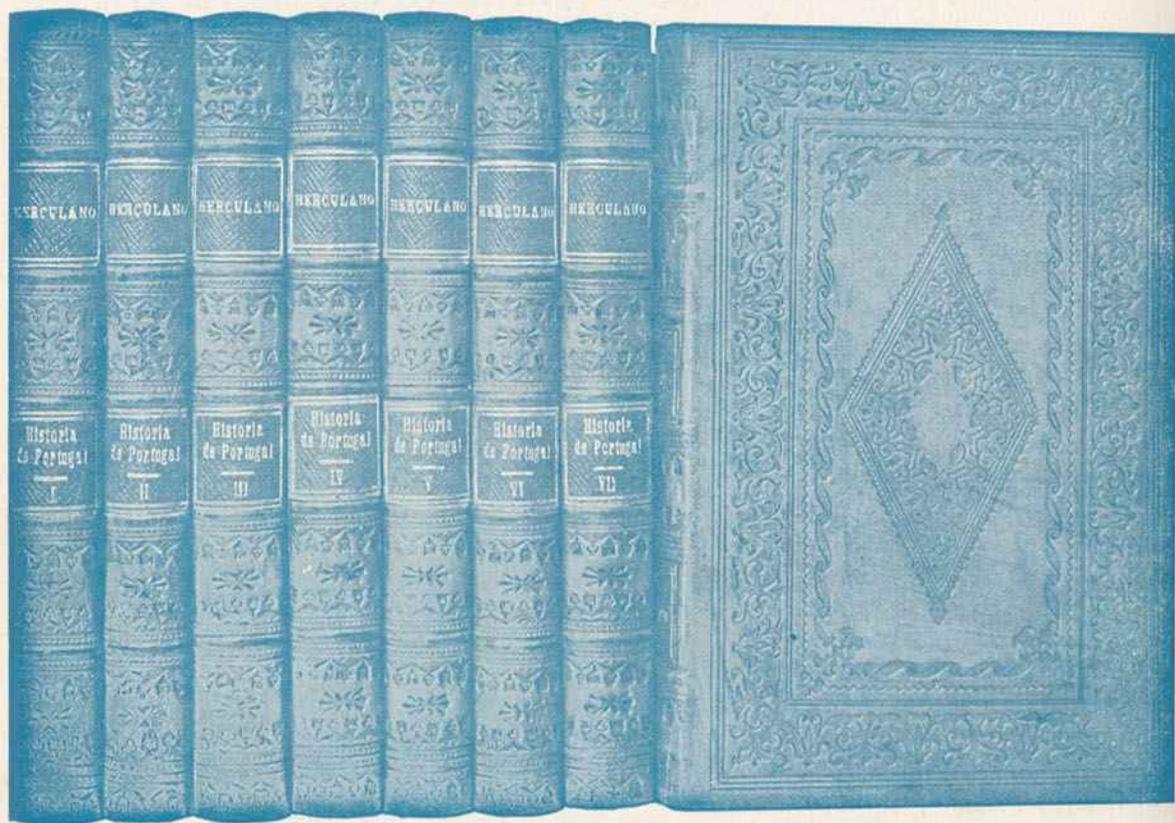
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 × 18, impresso em esplêndido papel

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. Esc. 12\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . Esc. 16\$00

Idem, encadernado em carneira gr-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . . Esc. 27\$00

COLONIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND ————— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA